

Rede Salesiana Brasil de Ação Social



Os Compromissos Fundamentais da ação social salesiana em rede se constituem em uma agenda de trabalho com foco no território.

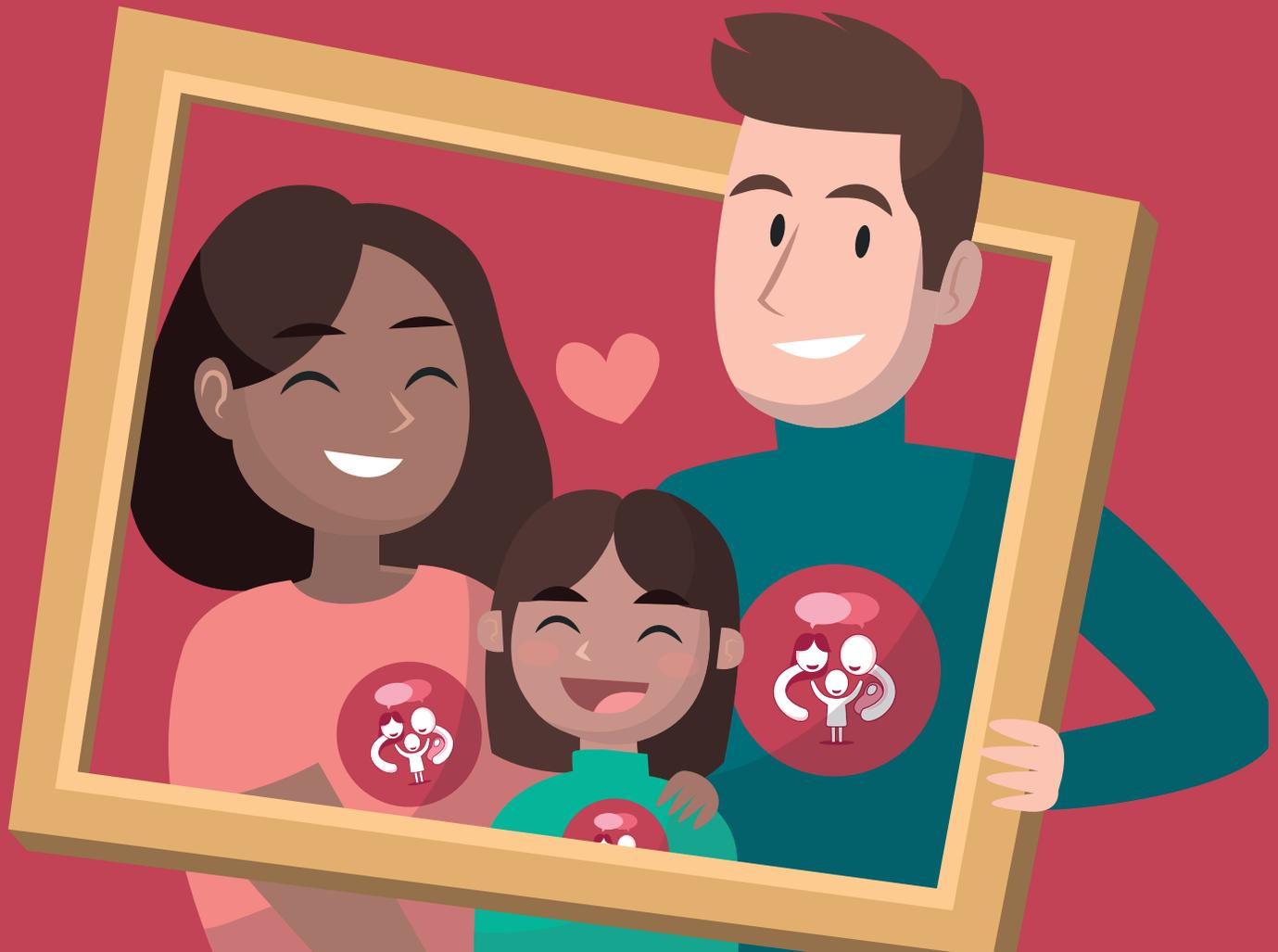
CADERNO DOS COMPROMISSOS FUNDAMENTAIS Fascículo 3

**Série *Documentos de Referência da
Ação Social Salesiana em Rede no Brasil***

Salesianos de Dom Bosco e Filhas de Maria Auxiliadora

4

Compromisso Fundamental pelo “Fortalecimento da Família”



Estimados amigos e amigas: Salesianos, Salesianas, leigas e leigos, que integram e vêm ajudando a construir “artesanalmente” a RSB-Social,

Com alegria apresentamos o Caderno 4 da série de Documentos Referenciais da Ação Social Salesiana em Rede. Este novo documento nos abre para os seis Compromissos Fundamentais que devem orientar a integração e articulação da Rede Salesiana Brasil na sua dimensão social (RSB-Social). O Caderno 4 será composto de seis Fascículos, que abordarão, cada um deles, um dos Compromissos Fundamentais.

Os Compromissos Fundamentais, que de forma conjunta a RSB-Social assume, para além de – juntamente com a Identidade Carismática – ser um caminho de aproximação e ação em Rede para as Obras e/ou Presenças Sociais Salesianas, se constituem como um importante instrumento para auxiliar no movimento que se quer e se precisa fazer para avançar em direção ao território. Torna-se imperioso ressignificar o trabalho salesiano para uma resposta sempre mais efetiva e eficaz voltada ao contexto e aos jovens de hoje. Este importante passo exige deixar-se interpelar pela realidade que envolve as presenças locais e pela ação educativa que nessas são desenvolvidas, mais do que pelas estruturas às quais tradicionalmente estão vinculadas.

É nesta direção que os Compromissos Fundamentais projetam e mobilizam as Obras sociais salesianas. Cada um deles alarga os horizontes, traz maior capilaridade para o trabalho e as compromete com crianças, adolescentes e jovens que chegam até elas, mas também com a transformação social que leva cada um deles, apoiados por suas famílias, a crescerem e se desenvolverem em um mundo mais justo e mais solidário, tornando-se, também eles, protagonistas de uma nova realidade.

O **Fascículo III**, ao refletir sobre o Compromisso Fundamental pelo **“Fortalecimento da Família”**, conduz Obras e Presenças, que atuam na área social salesiana, para um comprometimento real e eficaz com as famílias dos destinatários da nossa missão educativa. O papel da família no acompanhamento e desenvolvi-

mento dos filhos(as) e na corresponsabilidade com as Instituições sociais que participam do processo educativo dos mesmos é imprescindível. Todos os atores das políticas sociais, que atuam no campo das crianças, dos adolescentes e dos jovens, reconhecem isso. Estabelecer, contudo, uma relação com as famílias que as fortaleça no seu papel em relação aos seus membros e, ao mesmo tempo, as torne responsáveis e partícipes em todas as situações educativas que envolvem seus filhos e filhas é um grande desafio.

A família tem um especial lugar no Projeto Educativo de Dom Bosco e Madre Mazzarello. Enquanto Salesianos e Salesianas, o Compromisso Fundamental ora apresentado vem chamar a atenção de gestores e educadores para um empenho mais efetivo e um olhar de maior cuidado para com as famílias de cada destinatário que vem até nós e com o contexto social em que estão inseridos eles e suas famílias. Muitos são os desafios para as famílias na realidade atual e, ainda maior, aqueles de acolhê-las e apoiá-las na diversidade com que hoje se apresentam, na sua vulnerabilidade (social, econômico-financeira, de referenciais morais e religiosas, etc.), na afirmação da sua especial relevância na constituição do tecido social.

O presente Fascículo não tem a pretensão de esgotar o tema (se é que alguém conseguiria fazê-lo), mas quer estimular na percepção da urgência do tema e apontar algumas possibilidades de enfrentamento. Ao nos lançarmos nesta empreitada com determinação e criatividade, muitas propostas de trabalho poderão ser construídas. Logo, temos aqui um ponto de partida.

Ao ofertar mais este importante instrumental para a ação educativo-pastoral da RSB-Social, no contexto do Projeto Educativo Pastoral Salesiano pensado para o Brasil, desejamos que seja uma ferramenta a mais para fortalecer o compromisso salesiano de fazer com que a família ocupe seu especial lugar na sociedade e na vida de crianças, de adolescentes e jovens, com a mesma intencionalidade educativa com que Dom Bosco, já ao seu tempo quis imprimir em toda sua ação educativa.

Brasília, 24 de maio de 2019.

Pe. José Marinoni
Ir. Silvia A. Silva
Diretores Executivos da RSB-Social

Compromissos Fundamentais da Rede Salesiana Brasil -
Volume 4, 1a. Impressão – Brasília: Rede Salesiana
Brasil, 2019.

Fascículo 3: Fortalecimento da Família. 74 p.: il.

ISBN 978-85-93965-37-1

1. Série: Documentos de referência da ação social salesiana em rede
no Brasil.

FICHA TÉCNICA

Rede Salesiana Brasil. **Caderno Compromissos Fundamentais da Rede Salesiana Brasil de Ação Social, Fascículo 3: Fortalecimento da Família.** Série Documentos de Referência da Ação Social Salesiana em Rede no Brasil, Vol. 4. Brasília, 2019.

Elaboração: Diretoria Executiva da Rede Salesiana Brasil de Ação Social. Irmã Silvia Aparecida da Silva e Pe. José Marinoni (Diretores Executivos), Padre Agnaldo Soares Lima (Assessor da RSB-Social, SDB), Maria Aparecida Nery. Coordenação Técnica: Pe. Agnaldo Soares Lima. Capa e verso: Pedro Barreto. Revisão: Zeneida Cereja da Silva. Diagramação: Pedro Barreto.

Agradecimento: Agradecemos as contribuições de todos os participantes dos ENAS 2018 e, em especial, de: Andréa de Souza Túbero Silva, Ângela Viana Machado Fernandes, Jacqueline Pereira Barbosa, Juliane de Araujo Barroso, Márcia Calado, Rosângela Cruz Ferreira Rodrigues, Simone Guabiroba.

Maio de 2019.

Rede Salesiana Brasil

SHCS CR Q. 506 Bloco B Lj 65/66 Asa Sul
CEP 70350-525 Brasília (DF)

ELENCO

REDE SALESIANA BRASIL

Conselho Diretor

Ir. Ana Teresa Pinto
Diretora-Presidente

Ir. Maria Américo Rolim
Diretora-Secretária

Pe. José Marinoni
Diretor Executivo da RSB-Social

Pe. Gildásio Mendes
Diretor Vice-Presidente

Pe. Asídio Deretti
Diretor-Tesoureiro

Ir. Silvia Aparecida da Silva
Diretora Executiva da RSB-Social

Pe. Agnaldo Soares Lima
Assessor da RSB-Social

INSPETORES SDB E INSPETORAS FMA DO BRASIL

Pe. Asídio Deretti
Inspetor ISPX (Porto Alegre)

Ir. Ana Teresa Pinto
Inspetora FMA INSP (Rio de Janeiro)

Ir. Madalena Luiza Scaramussa
Inspetora FMA IST (Manaus)

Ir. Ivone Maria Ranghetti
Inspetora FMA INSA (Porto Alegre)

Ir. Maria Adriana Gomes da Silva
Inspetora FMA IMA (Recife)

Ir. Maria Lúcia Barreto
Inspetora FMA IIA (Campo Grande)

Pe. Justo Ernesto Piccinini
Inspetor SDB INSA São Paulo)

Pe. Nivaldo Luiz Pessinatti
Inspetor SDB ISNEB (Recife)

Pe. Gildásio Mendes
Inspetor SDB MSMT (Campo Grande)

Ir. Helena Gesser
Inspetora FMA ISCS (São Paulo)

Ir. Maria Carmelita Conceição
Inspetora FMA ILV (Manaus)

Ir. Maria Américo Rolim
Inspetora FMA IMM (Belo Horizonte)

Pe. Jefferson Luís da Silva Santos
*Inspetor SDB ISDS (Manaus)
Referente da Ação Social*

Ir. Antonia Brioschi
*Inspetora FMA INSPAZ (Cuiabá)
Referente da Ação Social*

Pe. Orestes Carlinhos Fistarol
Inspetor SDB ISJB (Belo Horizonte)

SUMÁRIO

1. O porquê desse Compromisso Fundamental no contexto da Ação Social Salesiana	8
2. Compreensão sobre “Família”	12
3. A relevância (significatividade) do trabalho com as famílias	16
4. O que almejamos com este trabalho	22
5. Princípios que orientam o trabalho salesiano com famílias	26

COMO LER

Com o intuito de que os fascículos dos **Compromissos Fundamentais** sejam, sobretudo, uma ferramenta de trabalho, para facilitar a leitura e a identificação dos diferentes conteúdos e propostas neles contidos, adotamos as siglas ao lado. Com cores e contornos diversificados, elas permitem identificar, entre os diferentes parágrafos, do que estamos tratando em cada um. Boa leitura.

6. Metodologia para a organização do trabalho	28
7. Articulação com a Rede no trabalho com famílias	34
8. A formação para o Fortalecimento das Famílias	38
9. A temática família à luz da experiência de Dom Bosco e de Madre Mazzarello	54
10. Experiências práticas de interação na formação e no trabalho com famílias	59
11. Alguns desafios que o tema aqui tratado propõe para nossas obras	64

S

Matriz salesiana

Ip

Incidência prática na ação educativa

Cr

Caminho para ressignificação do trabalho salesiano

Ex

Eixos fundamentais do tema

Re

Relevância educativa

1 - O PORQUÊ DESSE COMPROMISSO FUNDAMENTAL NO CONTEXTO DA AÇÃO SOCIAL SALESIANA

As famílias nunca passam de moda:

São sempre atuais, sempre vitais e essenciais para a vida das pessoas. Mudamos tempos e as culturas, mas, como todos os estudos e investigações evidenciam, esta verdade permanece incontestável.

Pe. Ángel Fernandes Artimé –
Reitor-Mor dos Salesianos

S Ao se preocupar para que o ambiente do seu Oratório tivesse como “clima” o “espírito de família”, compreendemos que, para Dom Bosco, era clara a relevância da família no processo de formação e educação das crianças e dos adolescentes. Mesmo para os jovens que, por alguma razão, não tivessem família ou não pudessem viver junto delas, o ambiente que encontravam no Oratório de Valdocco era marcado por um estilo familiar de educação, que envolvesse inclusive a relação entre educadores e educandos.



S

A partir desse olhar, entendemos que uma verdadeira ação educativa salesiana requer sempre um especial zelo pela família. Reconhecemos ser a família a primeira escola de virtudes dos filhos e queremos que os valores cristãos professados por Salesianos e Salesianas estejam presentes e revelados também nesse ambiente educativo.

A ação social salesiana em rede encontra na família o ponto de partida para uma formação integral, individual e comunitária de crianças, de adolescentes e de jovens.

Ao definir o “Fortalecimento das Famílias” como um dos Compromissos Fundamentais dentro da missão educativa salesiana, trazemos também conosco, em sintonia com as orien-

tações da Igreja, a necessidade de compreender e acolher as atuais realidades familiares, sem perder a perspectiva de estimular esses mesmos arranjos a cultivar valores cristãos e o carisma salesiano.

Ao acolher em nossos espaços os meninos e as meninas, queremos ter conosco suas famílias, por entendermos que estas são protagonistas fundamentais no processo educativo; que a partir delas se pode construir uma relação sadia de convivência social, de superação das vulnerabilidades e de melhoria na qualidade de vida.

Re

Diante da atual fragmentação social, política e econômica que vivemos no país, as famílias têm encontrado desafios consideráveis para atuar na educação das crianças e dos adolescentes, necessitando urgentemente ser apoiadas e orientadas. E na maioria das vezes não sabem onde procurar esse apoio tão desejado. Neste cenário, toda Obra ou Presença Salesiana pode ser o espaço propício de referência para aco-

lhimento, escuta e oferta de um trabalho de formação consistente e integrado para fortale-





Re cê-las nas suas funções.

O esforço de abertura ao território, por parte da ação social salesiana, nos leva naturalmente a engajar as famílias e construir com elas verdadeiras comunidades educativas capazes de uma vivência sustentável do carisma. Encontra-se aí o ponto de partida para o relacionamento comunitário.

Importa ainda destacar que compreender os novos arranjos e as novas dinâmicas familiares, à luz das orientações da Igreja, se constitui como um movimento de acolhida e evangelização capaz de nos colocar de forma prática como uma “Igreja em Saída”.

A esses desafios somam-se, de igual maneira, o promover diálogo e formação humana

que nos prepare para o respeito aos movimentos migratórios, às relações de gêneros e ao fortalecimento do papel da mulher, enquanto protagonista do desenvolvimento da cidadania.

Se os novos rostos da juventude, as novas dimensões da pobreza e da vulnerabilidade precisam estar pautadas na ação social salesiana, precisamos fazê-lo num relacionamento dinâmico e colaborativo com as famílias. Isto significa uma presença ativa da família, capaz de ir muito além de suas simples participações em reuniões ou eventos.

S A Pastoral Juvenil Salesiana deve começar no contexto familiar, animando seus membros à atitude educativa para o qual o espaço salesiano torna-se modelo, referência e mecanismo de articulação, de relacionamento, de compromisso e de comportamento transformador, promovendo e compartilhando a reflexão e sobretudo, gerando iniciativas/ações concretas que os beneficiem. Tudo isto é difícil? Com certeza! Por isso trazemos conosco esse Compromisso Fundamental, sustentados pelos ideais de D. Bosco ao afirmar:

“Eu não disse que seria fácil, mas sim, que valeria a pena.”

Nossos ambientes educativos são chamados a ser centros de irradiação da cultura da vida para as famílias, os vários grupos, o território e a sociedade.

(Quadro de Referência da Pastoral Juvenil – pág. 70)

2 - COMPREENSÃO SOBRE “FAMÍLIA” COMO ENTENDEMOS OS TIPOS DE FAMÍLIA EXISTENTES

“Família está muito além de um pai, mãe e filhos. Vai além de um casal LGBT. Para se formar uma família só precisa que você ame a pessoa. Às vezes um amigo pode ter mais considerações por você do que seu próprio irmão. Uma tia que mora perto de você e que te trata como se fosse seu filho. Família é amor, empatia, consideração. Não é porque alguém não tenha seu sangue, que não pode fazer parte da família”.

**Larissa Santana Rabelo –
CESAM/GO**



Por família entendemos o grupo de pessoas que unidas por vínculo de consanguinidade e/ou afinidade estabelecem relações fundamentadas primordialmente no afeto. É composta por

Ex



Ex pessoas com diferentes papéis, idades, gêneros e responsabilidades que se relacionam e se referenciam.

A família, no presente contexto social, se constitui a partir do casamento, da simples convivência ou da chamada “união estável”, com ou sem compromissos de natureza jurídica, mas sempre estabelecendo vínculos que constroem as relações que geram ou organizam a sociedade familiar, acolhendo filhos gerados ou adotados que ampliam e perpetuam o núcleo familiar.

As relações no interior da família se fundamentam na responsabilidade, no cuidado e na proteção recíproca, na manutenção, no compartilhamento e na busca pelo sustento.

Nos processos de relação, a sociedade familiar ora vive momentos pacíficos e de afeto, ora vive momentos conflituosos, que são sempre de especial im-

portância para o desenvolvimento e para o equilíbrio emocional dos membros que a compõem e daqueles que venham agregar em determinado momento.

Reconhecendo que há uma dinâmica significativa na organização familiar – famílias que se desfazem, se reorganizam, se modificam com a entrada e saída de pessoas, por vezes de forma rápida ou até intempestiva, é necessário ponderar que o formato que conhecemos hoje é diferente daquele de algum tempo atrás e poderá ser diferente em curto espaço de tempo.

Ex

A Constituição Federal

de 1988 reconheceu como “entidades familiares”, além do casamento, a união estável e a família monoparental. Observa-se também que, aos poucos, o ordenamento jurídico vai assimilando outros arranjos familiares. Seguem abaixo algumas configurações reconhecidas hoje pelo ordenamento jurídico:

**Ex**

Família multiparental:

formada por famílias que vêm de uniões anteriores, casais que se separam e iniciam novos núcleos familiares e trazem filhos de relacionamentos anteriores (“os meus, os seus e os nossos”). A convivência familiar dos parentes colaterais (nem todos têm consanguinidade) recebe o nome de família pluriparental.



Família monoparental:

é constituída por um homem ou uma mulher e seus descendentes, normalmente em decorrência de casamento dissolvido seja pela separação, falecimento, divórcio ou por ser pai ou mãe solteira.



Família homoparental:

formada pela união de duas pessoas do mesmo sexo. Na homoparentalidade estão incluídos os casais que decidem assumir a relação homoafetiva e, via de regra, adotam crianças ou trazem filhos de relacionamentos anteriores.

Ex

Família parental:

família de genitores ausentes, formada apenas por irmãos, ou que podem ser também acolhidos por avós, tios etc. Enquanto na família pluriparental nem todos têm vínculos sanguíneos, na família parental é a consanguinidade que os caracteriza. São as famílias socioafetivas, sem conotação sexual.



Família unipessoal:

formada por uma pessoa solteira, divorciada ou viúva;



IMPORTANTE:

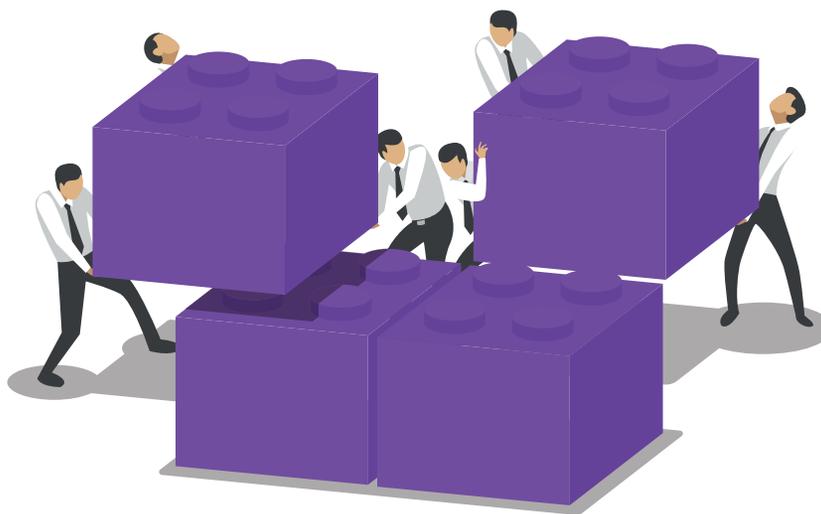
Ao reconhecermos estas configurações familiares estamos apenas registrando o que a realidade nos apresenta, situados neste momento histórico, sem qualquer conotação valorativa ou modelo ideal de família, cientes de que alguns pesquisadores já estão sinalizando com novos arranjos.

Ex

Assim, não há como ter uma visão estagnada de concepção de família. Com o passar do tempo vamos encontrando novos arranjos e assim é necessário estarmos abertos a dialogar com a realidade, tratando com respeito e compreensão a todas as pessoas, ou seja, o mesmo tratamento que desejamos que os outros ofereçam a nós e aos nossos familiares.

3 - A RELEVÂNCIA DO TRABALHO COM AS FAMÍLIAS

SIGNIFICATIVIDADE



"Família para mim é quem sempre está comigo, tanto em momentos bons quanto nos ruins, que mesmo que esteja longe se importa comigo, mesmo que não tenha parentesco comigo. São aquelas pessoas que de algum modo me fazem bem, quem me respeita e respeita as minhas escolhas, que tem confiança, pois confiança é a base de toda família".

Lavínia Bernardes do E. Santo
– CESAM/GO

Re A sociedade de forma geral considera de grande importância a qualificação para exercer funções sejam operacionais, administrativas, técnicas ou gerenciais nas mais diversas áreas (contábil, gastronômica, mecânica, marcenaria, administração, etc.), mas para o desafio mais importante, de grande responsabilidade e complexidade – a criação e educação de uma criança – parece haver a certeza de que será natural ou intuitivo esse processo de desenvolvimen-

to. Felizmente, muitas pessoas hoje vêm estudando, buscando orientação e compartilhando experiências que podem trazer muitos benefícios às crianças, sua família e toda a comunidade. A chamada educação ou treinamento parental está ganhando grande aceitação, credibilidade, e sendo útil também para encorajar alguns pais a confiar mais na sabedoria própria que vai se revelando no convívio com as crianças.

Ip

É preciso estar atento também para o fato de que as ameaças que desestabilizam a família não são apenas de ordem econômica, mas se colocam ao lado daquelas de caráter simbólico, cultural e antropológico, quando põem em discussão a sua natureza e as suas funções, como foi alertado pelo Conselheiro-Geral, Pe. Fabio Attard¹, no Congresso Internacional realizado em Madri. Por outro lado, ele também aponta que *há uma consciência mais viva da liberdade pessoal, e uma maior atenção à qualidade das relações interpessoais no matrimônio, na pro-*

moção da dignidade da mulher, na procriação responsável, na educação dos filhos, o que é um aspecto relevante, facilitador e impulsionador do movimento de valorização e fortalecimento da família.

Ainda que a sociedade familiar, sua organização e as formas como se constitui venha passando por diferentes revezes e questionamentos na atual conjuntura, entre todos os que atuam nos projetos e programas sociais, há consenso de que não se pode abdicar da presença e envolvimento da família nas ações educativas. A função educativa é dever da família e um direito primário dos pais. Ainda que existam dificuldades ou contradições, a família é a melhor referência para a criança, o adolescente e o jovem.

Nesse mesmo Congresso, Pe. Fábio Attard afirma também *“À luz destes desafios a família não é uma força a mais, trata-se de um protagonista indispensável: que necessita de acompanhamento, que busca apoio, mas que tem também uma vocação única, irrepetível, indispensável”*.²

Ex

Assim a nossa tarefa principal é oferecer dedicação plena, diante da realidade humana concreta, com a beleza e as limitações de qualquer família, buscando envolvimento efetivo da família no trabalho.

Vale lembrar que os primeiros anos de vida são decisivos na formação da personalidade, construção da identidade, no desenvolvimento integral e a família é determinante enquanto primeira referência de quem somos e quais são nossas raízes, seja a partir do afeto recebido e retribuído, seja dos nossos primeiros aprendizados: modo de alimentar-se, descoberta das pessoas, desenvolvimento do nosso caminhar e do nosso falar,

¹ Atos do Congresso Internacional Pastoral Juvenil e Família – Madri. 2017, p. 9.

² *Ib.* 65.

Ex as relações de amizade e o inserir-se em grupos mais amplos como a escola. Os pais ou responsáveis levam a criança até a creche ou a escola, na qual permanecerão por um período, mas ela sabe que em algum momento irá retornar para casa e para aqueles com quem estabeleceu sua primeira e mais sólida relação afetiva.

A família não apenas se constitui como a primeira experiência de vínculo, mas é a partir dela que novos e importantes vínculos irão se desenvolvendo. Da confiança estabelecida

com pai, mãe ou responsáveis, a criança conseguirá se abrir para outras relações e novos vínculos. Crianças que crescem sem o amparo dos adultos, sem a segurança e a proteção que vêm dos pais, sofrem com o medo, insegurança e por vezes revelam esses sentimentos até com violência, como forma de intimidar a outros e defender-se.

É válido ter o olhar atento para o quanto permanece vigente o modelo de família idealizado e reproduzido – que ficou conhecido como a “família margarina” apresentada pela televisão (ma-

mãe, papai e filho/a, de pele e cabelos claros, olhos azuis, ao redor da farta mesa de café da manhã). Assim, ao se ver diante de arranjos muito diferentes, algumas pessoas podem apresentar resistência, crítica ou manter distanciamento, dificultando a interação do grupo, a aceitação para trabalhos compartilhados, revelando comportamentos preconceituosos e até mesmo “bullying”, principalmente com as crianças e os adolescentes.

Por isto é essencial que **ip** a equipe de trabalho – gestores, técnicos e educadores – mantenham atenção permanente nas práticas entre todos os participantes dos grupos, sobre o entendimento conceitual de família que se revela, visto que mesmo aceitando os novos arranjos ainda há muito a superar no dia a dia. Existem pesquisas bem atuais apontando que embora sejam tantas e tamanhas transformações, a visão mais tradicional e conservadora permanece, mesmo entre os adolescentes e jovens.



É preciso considerar também que, mesmo sendo o espaço privilegiado de aconchego, proteção, segurança, exercício de tolerância e respeito, a família, algumas vezes, é também o espaço “silencioso” da violação, dos maus-tratos, da agressão, da negligência ou abuso.

Chamamos atenção para outro fenômeno que vem ocorrendo e que precisa ser analisado na composição da família brasileira: a crescente presença de idosos, com o aumento da longevidade da população. Observa-se que nem a sociedade, nem as políticas sociais estão se preparando no sentido de antecipar-se às demandas que serão decorrentes deste fator que afetará significativamente as famílias e toda a comunidade. Nas políticas de assistência social



Ex

e de educação, bem como em qualquer outro serviço ofertado por organizações públicas ou particulares, há consenso e unanimidade quando se trata de declarar a necessidade da participação da família nos processos socioeducativos. Independente das condições sociais da família e mesmo dos problemas que esta possa enfrentar no interior de sua organização, não se tem dúvida de que esta deve participar ativamente das ações de educação direcionadas aos filhos. Muitas vezes se constata até mesmo que a participação da família está condicionada ao seu próprio resgate. Nesse tipo

de situação, mais do que em qualquer outro, afirma-se a necessidade de um trabalho planejado e sistematizado com as famílias.

Os conselhos das políticas sociais, as conferências e os profissionais da área vêm, ao longo do tempo, enfatizando a necessidade premente de programas de apoio/formação para as famílias, entretanto as experiências que encontramos ainda têm sido insuficientes, de baixa consistência, fragmentadas ou inacabadas. Há programas específicos em determinadas áreas, como, por exemplo, o “Programa de Saúde da Família”,

que realiza ações significativas e bem organizadas no seu campo de atuação, mas não chega a ser um serviço que possa servir (não ao menos isoladamente) para o conjunto das políticas sociais.

Re

Há que se pensar que chamados a trabalhar com a infância e a juventude em situação de vulnerabilidade, mas também com as classes populares, o trabalho com famílias se constitui numa importante bandeira salesiana.

“O compromisso prioritário para com os jovens pobres harmoniza-se com a ação pastoral em favor das classes populares. (...) Dirigimos nossa atenção aos leigos responsáveis pela evangelização do ambiente e à família, na qual as diversas gerações se encontram e constroem o futuro do homem.”

(Constituição Salesiana, artigo 29)

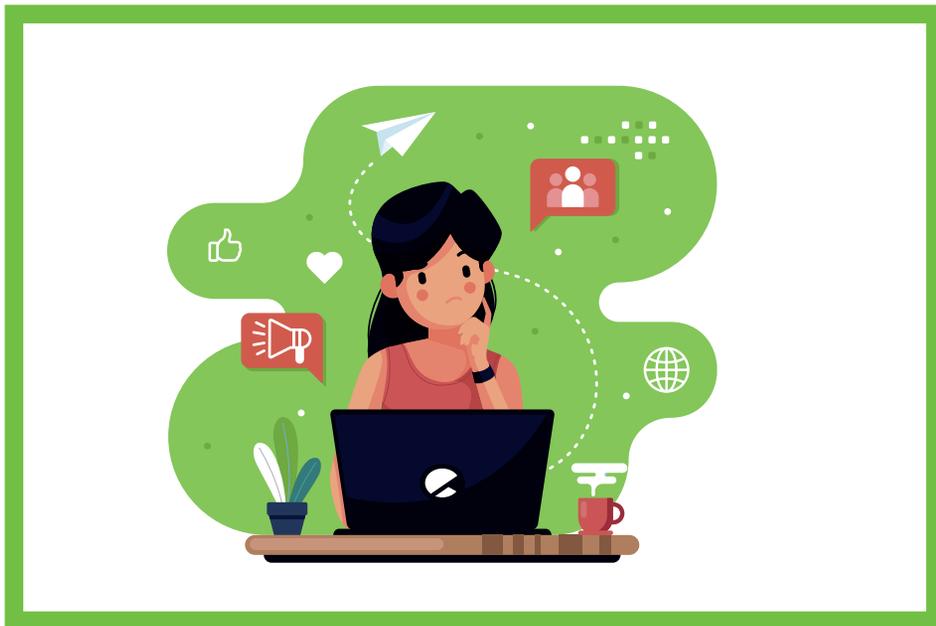


Para qualificar a ação educativa salesiana e fortalecer todo o trabalho socioassistencial desenvolvido no território, uma marca consolidada de uma presença forte e transformadora pode e deve ser o trabalho com família.

Construir propostas de trabalhos consistentes (especializados, integrados e compartilhados) que mobilizem o conjunto das políticas públicas, que ofereçam suporte, orientações e condições reais de melhoria na vida das famílias é um serviço imprescindível e capaz de propiciar mudanças significativas para a vida dos destinatários, de suas famílias e da sociedade de uma forma geral.



4 - O QUE ALMEJAMOS COM ESTE TRABALHO



Re

O trabalho com famílias tem fundamental relevância para a ação educativa salesiana e temos consciência de que carrega considerável complexidade assim como detém substancial riqueza. Por compreender sua

importância e, por consequência, a efetividade que o mesmo deve alcançar pela relevância da família no processo de desenvolvimento e educação da criança e/ou do adolescente, afirmamos que o trabalho com a família

“Família não é somente pai, mãe e filhos, mas sim aquelas pessoas que você ama tanto que então são consideradas como tal. Seja um amigo de infância, a tia do lanche ou a professora querida, seja quem for. Se você ama de verdade, com toda certeza será como parte da sua família”.

Keila Canicia Faria de Souza – CESAM/GO

deve ser realizado de forma planejada para produzir resultados consistentes, consequentes e mensuráveis, causando impactos positivos na vida das famílias, melhor desempenho no processo educativo das crianças e adolescentes, e consequente aprendizado para as equipes de trabalho, que ao vencer cada novo desafio terão renovadas a motivação e a satisfação pelas conquistas de todos os envolvidos.

4.1 - DENTRE OS PRINCIPAIS OBJETIVOS A SEREM BUSCADOS NO TRABALHO COM AS FAMÍLIAS, DESTACAMOS:

1º

Mobilizar e fortalecer as famílias para o movimento de valorização da função familiar na sociedade e a educação cuidadosa das novas gerações;

2º

Assegurar maior consistência ao trabalho desenvolvido em benefício da criança, do adolescente e do jovem por meio da participação da família e proporcionando condições para que esta assuma suas responsabilidades;

3º

Ofertar às famílias formação (acompanhamento, discernimento, integração e apoio na sua missão educativa) para auxiliá-las na administração do lar, no processo de educação ordinária das crianças/adolescentes e na solução dos problemas e conflitos que surgem no dia a dia;

4º

Proporcionar vivências que valorizem as experiências trazidas pelos participantes, estimulem as potencialidades, fortalecendo a autonomia e o protagonismo na vida pessoal e na sociedade.

4.2. RESULTADOS A SEREM BUSCADOS NO TRABALHO COM AS FAMÍLIAS:

Operacionalizado o programa, espera-se como resultados decorrentes das ações desenvolvidas com as famílias:

1º

Redução de ocorrências das situações de vulnerabilidade social e pessoal dos membros da família (consumo de drogas, violência, ato infracional, gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis, institucionalização, etc.)

2º

Aumento de acessos aos direitos e serviços jurídicos e socioassistenciais (serviço público, conselhos, defensoria, entidades e instituições);

3º

Melhoria da qualidade de vida das famílias;

4º

Melhoria das condições de sociabilidade/redução de conflitos no lar e na comunidade;

5º

Redução no descumprimento das condicionalidades dos programas oficiais/públicos, evasão escolar, absenteísmo escolar, vacinação etc.

6º

Melhor e maior envolvimento das famílias no acompanhamento escolar e de saúde das crianças e adolescentes, refletindo positivamente no desempenho escolar delas;

7º

Mais clareza sobre os direitos das crianças/adolescentes e responsabilidades (deveres) da família, da escola e da sociedade;

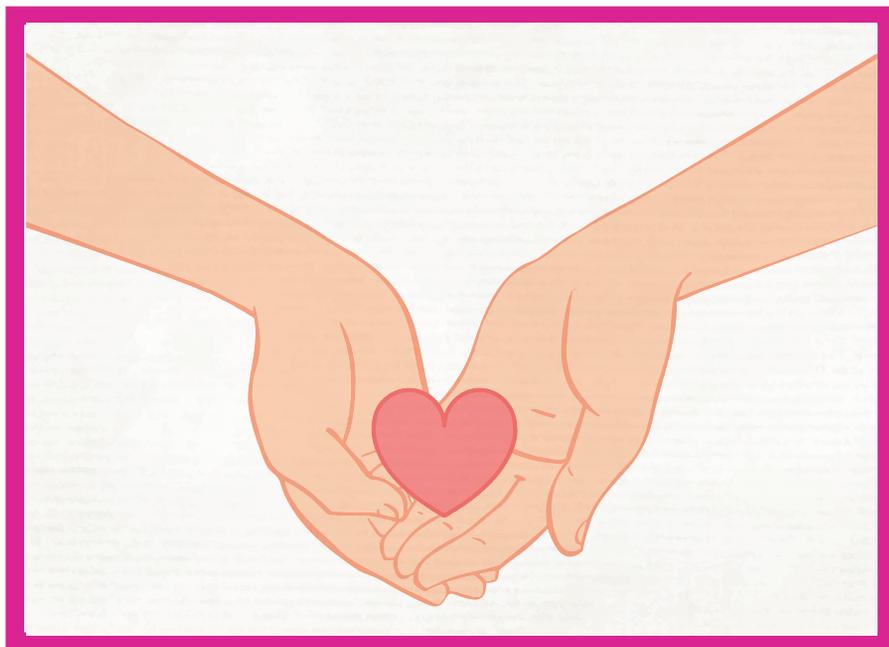
8º

Melhoria na capacidade de realização pessoal e social; tornando mais fortes as relações no âmbito da família, da vizinhança e das associações coletivas de representação de seus interesses;

9º

Ampliação de parcerias e fortalecimento de alianças estratégicas (voluntários e institucionais).

5 - PRINCÍPIOS QUE ORIENTAM O TRABALHO SALESIANO COM FAMÍLIAS



“Bom seria se ter uma mãe, um pai e irmãos fosse a mesma coisa de ter uma família... Família é algo muito mais complexo e que quase ninguém sabe o que ela tem que ser de verdade. Estar em um lugar com pessoas que te amam, que querem seu melhor, que corrigem quando necessário, te aplaudem nas conquistas, sorriem nas alegrias e te levantam quando estás caído. Podemos chamar essas pessoas de família. O cuidado não é dado apenas pela mãe, pelo pai... Família é uma graça de Deus, é uma oportunidade que Ele nos dá de conviver com anjos, porque Ele sabia que os pesos da vida seriam insuportáveis sem a presença destas pessoas”.

Grazielly Ferreira de Castro
– CESAM/ GO

1º

É a partir da família que toda pessoa humana se torna capaz de desabrochar para o amor e se desenvolver em equilíbrio e harmonia;

2º

O lugar ideal para a educação e o desenvolvimento de uma criança será sempre um ambiente de família, não obstante suas reais dificuldades, e por isso trabalhamos para evitar ou minimizar toda forma de institucionalização;

3º

Uma família capaz de viver em clima de confiança mútua, perdão cotidiano e capacidade de tudo compartilhar com alegria é o melhor espaço de educação para toda criança, adolescente e jovem;

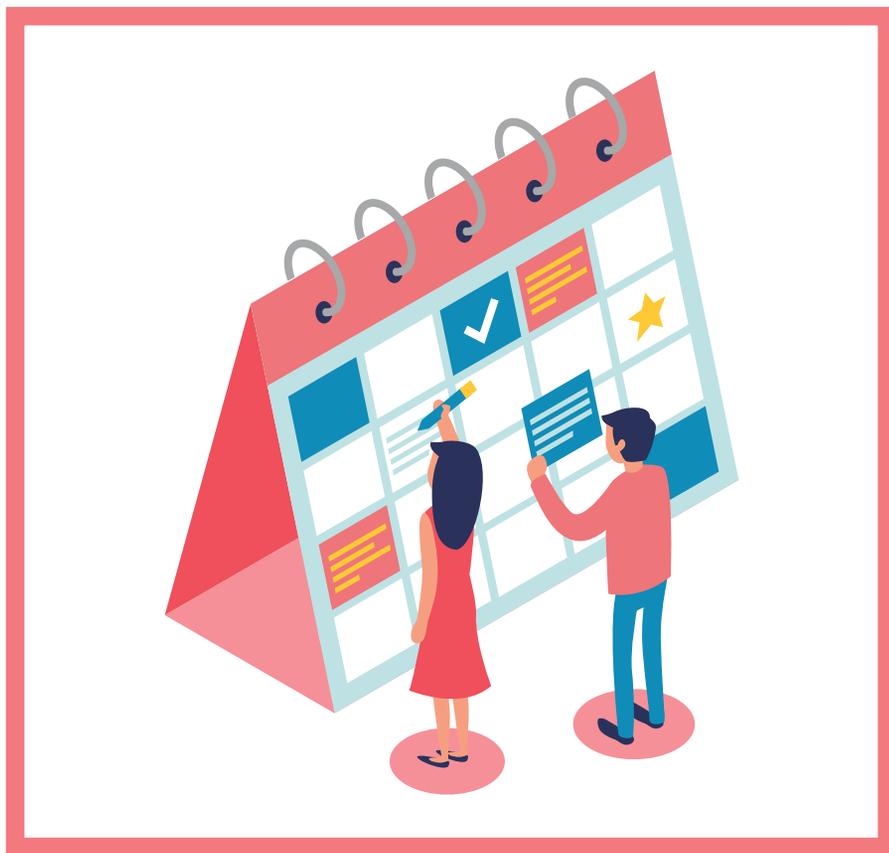
4º

A família é a Igreja doméstica onde as crianças e jovens são educados à fé e aos valores da solidariedade e do respeito à dignidade de toda pessoa humana;

5º

São aspectos singulares da família: a vocação ao amor, a vocação generativa (lugar da fecundidade) e a vocação educativa (primeira escola de valores humanos).³

6 - METODOLOGIA PARA A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO



“É interessante e promissor o surgimento de centros de escuta, geridos por leigos ou consagrados, para apoio da educação e assistência das problemáticas familiares. São também interessantes as tentativas de acompanhamento de grupos de pais que se envolvem na educação à fé de seus filhos. A CEP empenha-se em fazer com que os pais vivam cientes da própria responsabilidade educativa, diante dos novos paradigmas emergentes, e do acompanhamento com atenção especial aos jovens casais... É preciso que... façam um atento discernimento comunitário para reconhecer as problemáticas mais urgentes da família... percebendo os seus múltiplos recursos.

(Quadro de Referência da Pastoral Juvenil – pág. 111)

1º

Articulação de um grupo de apoio para trabalhar com as famílias

- Nomear ou definir um técnico da Equipe da Obra para acompanhar o trabalho com famílias e servir de ponto focal para os voluntários do Programa, para outros técnicos e educadores que acompanham crianças e adolescentes em sua participação nos programas e projetos desenvolvidos pela Obra;
- Trabalhar com casais, pessoas (duplas ou trios) de referência escolhidos entre salesianos cooperadores, paroquianos, clubes de serviço, programas de voluntariado e outros;
- Cada casal, dupla ou trio deve acompanhar uma família ou um grupo de famílias servindo-lhes de apoio e também de referência para uma vivência familiar positiva.

2º

Constituição de grupos de famílias

- Trabalhar com as famílias organizadas em pequenos grupos (15 a 20 famílias);
- Definir critérios para a composição dos grupos (proximidade de moradia, problemas comuns, possibilidades de horários...);
- Fazer convite para as famílias integrarem os grupos;
- Criar atrativos que sensibilizem e despertem o interesse das famílias e se associar para participar dos grupos (atividades de lazer, de esporte, de confraternização, de celebração/oração pelas necessidades das famílias, oficinas de artes, etc.).

3º • Levantamento dos serviços existentes públicos e privados que podem apoiar o programa;

4º • Apresentação do Programa para a Rede (conhecimento, sugestões, cessão de espaço);

5º • Definição do local do Encontro;

6º • Coletando dados do grupo de famílias (Sistema de informação);

7º • Sistemática dos Encontros (cronograma, registros, lista de presença...);

8º • Serviços de apoio (vale transporte, atividades recreativas para os filhos, lanche...);

9º • Atividades formativas e recreativas para as famílias;

10º • Fortalecendo a comunicação entre as famílias (corresponsabilidade);

11º

- Monitoramento e avaliação do trabalho com as famílias.



“As dificuldades que sofrem em sua família de origem levam muitos jovens a se perguntarem se vale a pena formar uma nova família, ser fiéis, ser generosos. Quero lhes dizer que sim, vale à pena apostar na família que nela encontrarão os melhores estímulos para amadurecer e as mais belas alegrias para compartilhar. Não deixem que lhes roubem a possibilidade de amar de verdade. Não se deixem enganar por esses que propõem uma vida desenfreada e individualista que acaba por levar ao isolamento e à pior solidão.”

(Christus Vivit, 263)

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AVALIAÇÃO:

Ip

Destacamos aqui que a conotação negativa que o termo “avaliação” algumas vezes carrega, em razão de experiências anteriores (registradas na memória) de modelos antiquados, precisa ser superada. O processo avaliativo é um instrumento precioso para introdução de ajustes/alinhamento, e principalmente para orientação futura, tendo em vista o alcance dos objetivos definidos no projeto. A avaliação bem-feita é uma ferramenta valiosa de aprendizagem, podendo gerar crescimento e aprimoramento do desempenho pessoal e institucional.

O princípio que norteia a avaliação é agregar valor ao programa ou projeto, assim deve ser uma prática comum, poden-

do ser executada antes, durante e depois (continuamente e/ou por etapas, dependendo da situação). Assim pode-se ter a avaliação inicial ou diagnóstica, a avaliação em processo ou monitoramento e a avaliação de resultados.

A chamada avaliação de efetividade (também conhecida como avaliação de impacto) é aquela que acontece algum tempo após o término do projeto, visando medir o efeito dos resultados alcançados sobre os beneficiários do programa.

Os indicadores podem ser quantitativos e qualitativos. Bons indicadores devem ter coerência com os objetivos, serem claros, precisos, representativos, fornecer informações relevantes, específicos e simples (capazes de ser compreendidos por todos).

Indicadores quantitativos são elementos concretos e mensuráveis. São representados por números, como por exemplo: número de inscritos, número de visitas realizadas, índice de frequência às reuniões, volume de recursos etc.

*As medidas usadas como referência para avaliar o processo e os resultados do projeto ou programa são os **indicadores**. São eles que facilitam a coleta de informações e análise dos dados.*

Indicadores qualitativos expressam dimensões ou variáveis que não serão expressas somente com números, vão prevalecer referências de grandeza, intensidade ou estado. Relacionam-se a elementos de natureza mais subjetiva, indicados pelas atitudes, habilidades, comportamentos e sentimentos. Estão relacionados, por exemplo, com o grau de satisfação das pessoas em relação ao serviço prestado; com a comodidade e adequação ao ambiente do projeto; com o esforço e envolvimento nas reuniões; com a melhoria no acesso aos bens culturais (teatro, exposições); com mais comprometimento no processo educacional dos filhos; com aumento da renda familiar (após ser inserido em curso de qualificação pro-

fissional, por exemplo) ou com o grau de responsabilidade de outros membros da família para a geração de renda (evitando o trabalho infantil); com participação efetiva em atividades da comunidade (protagonismo) etc.

A avaliação é, sem dúvida, uma etapa fundamental na gestão de projetos sociais e significa pensar e decidir sobre um conjunto de fatores que compõem o processo. O levantamento das informações abrange a identificação das fontes, a seleção dos métodos de trabalho e a construção dos instrumentos de coleta dos dados. A equipe deve pensar e construir o melhor instrumental de acordo com a população alvo, o foco e o objetivo da avaliação, podendo usar mais de um instrumento: questio-

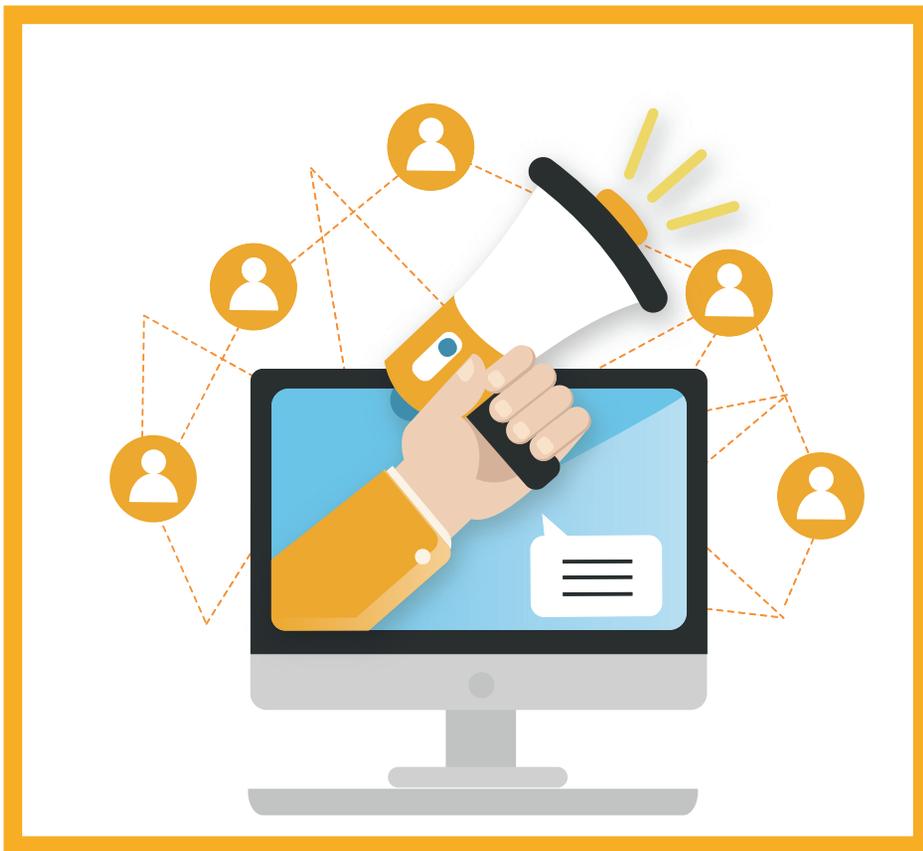
nário, grupo focal, entrevistas, fichas, observação de campo e registros disponíveis (relatórios, vídeos, cadastros etc.). De posse das informações, os dados levantados e os fatos observados precisam ser sistematizados e analisados.

É válido lembrar que também é necessário definir, ainda na etapa inicial do processo, como serão compartilhados os resultados da avaliação, como será feita a devolutiva para os participantes – beneficiários, educadores, gestores, voluntários, comunidade – e a divulgação (boletins, cartilhas, seminários etc.) para os diferentes públicos, incluindo as medidas adotadas.

“A família, na qual se congregam as diferentes gerações que reciprocamente se ajudam a alcançar uma sabedoria mais plena e a conciliar os direitos pessoais com as outras exigências da vida social, constitui assim o fundamento da sociedade”

(Concílio Vaticano II, Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo *Gaudium et Spes*, 52)

7 - ARTICULAÇÃO COM A REDE NO TRABALHO COM FAMÍLIAS



"Família é respeito, compreensão, amor, carinho. No meu caso é só eu e minha mãe, mas para mim nossa família seria mais completa se estivesse meu pai junto".

Damaris Rebetch
CESAM/GO

Todo trabalho desenvolvido em uma Obra Salesiana deve estar em sintonia com as políticas públicas desenvolvidas no território, com elas estar integrado e auxiliar no aprimoramento, fortalecimento e qualificação das mesmas.

Em outras palavras, isto significa atuar tendo a rede como referência, se colocando como par-

te dessa mesma rede e engendrando esforços para que essa se integre e se articule cada dia de

forma mais efetiva, atuando com maior eficiência e alcançando resultados mais eficazes.

NO CONJUNTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS, ENCONTRAMOS DIFERENTES SERVIÇOS DE ATENÇÃO À FAMÍLIA:

- PBF - Bolsa Família: programa de transferência de renda (MDS) (<http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>)
- Proposta de Fortalecimento da Educação no âmbito do PBF – (MEC / MDS): (http://undime.org.br/wp-content/uploads/2013/09/NT-Conjunta-nº02-_-Fortalecimento-da-Ed.-Programa-Bolsa-Fam%C3%ADlia.pdf)
- PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – MDA (<http://portal.mda.gov.br/portal/saf/programas/pronaf>)
- PAIF – Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (MDS) – desdobra-se em quatro serviços de convivência e fortalecimento de vínculos (<http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/protecaobasica/servicos/convencia-e-fortalecimento-de-vinculos>)
- PSF – Programa de Saúde da Família – (MDS): (http://dab.saude.gov.br/portaldab/biblioteca.php?conteudo=publicacoes/guia_pratico_saude_familia)

- PNCFC - Plano Nacional de Convivência Familiar e Comunitária – (SDH/PR)
(<http://www.sdh.gov.br/assuntos/criancas-e-adolescentes/programas/pdf/plano-nacional-de-convivencia-familiar-e.pdf>)
- Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares – (MEC):
(http://www.educacao.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12384:conselhos-escolares-apresentacao&catid=316:conselhos-escolares&Itemid=655)
- Programa Escola da Família – Fundação para o Desenvolvimento da Educação (Estado S. Paulo):
(<http://escoladafamilia.fde.sp.gov.br/v2/Subpages/sobre.html>)

Ex

Vale considerar que os Conselhos das políticas públicas devem ser – como estabelecido nas leis que os criaram – os espaços privilegiados para dialogar e construir as prioridades das políticas sociais nos municípios. Daí a importância da ativa participação nesses espaços: Conselhos dos Direitos da Criança e do Adolescente, dos Direitos da Pessoa Idosa, da Condição Feminina ou da Mulher, da Educação, da Saúde, da Cultura, da Assistência Social etc. Em alguns

municípios também funcionam: Secretaria de Participação Popular, de Direitos Humanos, Comissão Municipal de Direitos Humanos, Conselho de Segurança, do Transporte Coletivo, do Meio Ambiente, Habitação e Desenvolvimento Urbano entre outros. Destaca-se que além da participação dos Educadores/Gestores nos Conselhos, é importante estimular as famílias para participarem nesses espaços. Muitos dos Conselhos têm, em sua composição, os representantes dos

usuários dos serviços. Além das reuniões dos Conselhos serem espaços abertos para a comunidade, em geral a cada dois anos são realizadas também as conferências municipais. Vale lembrar sobre o compromisso e a responsabilidade da comunidade também na eleição dos Conselheiros Tutelares.

Aqueles que vão aumentando a participação no interior dos projetos vão se fortalecendo, se qualificando para a participação efetiva. É participando

que se aprende e se encoraja para o exercício da cidadania nos demais espaços e movimentos. Nesse aspecto também deve-se estimular a formação ou qualificação, por meio da participação em cursos que ajudem a compreender o papel dos Conselhos e dos Conselheiros dentro das políticas sociais, visando sempre a autonomia e o caráter emancipatório do destinatário.

É fundamental que toda a comunidade se mobilize para articular os recursos públicos, fiscalizar, cobrar ações e prioridades nos bairros onde vivem – oferta de vaga nas creches, na escola, atendimento na saúde,

a qualidade dos serviços – mas é também fundamental que aprendam a exigir direitos que mais do que superar as dificuldades já vividas no território, evitem vulnerabilidades futuras, antecipem demandas, ou seja, tenham ênfase na prevenção, em especial no que se refere às crianças e adolescentes.

Para ilustrar a falta de oferta de políticas articuladas pelos governos basta olharmos para os programas habitacionais. Em geral, as moradias são construídas em região periférica e só após a transferência de muitas famílias – mães com crianças, que são prioridades no pro-

grama – ao chegarem no novo bairro vão descobrir que não há creche, escola, posto de saúde e algumas vezes nem transporte público. Ou seja, o sonho da “minha casa, minha vida” se transforma em grande pesadelo.

Outra parceria importante para ser agregada ao trabalho com as famílias é a busca de bolsas de estudos com as instituições, escolas técnicas, cursinhos e faculdades que oferecem oportunidades para jovens de famílias de baixa renda, propiciando melhor qualificação para o ingresso no mundo do trabalho.



8 - A FORMAÇÃO PARA O FORTALECIMENTO DAS FAMÍLIAS

“Família é um lugar onde se tem amor, aconchego, paz. Família não é só pai, mãe e filhos... Para ser família podem ser tios, avós, primos, netos. Tendo amor e respeito já basta”.

Michelly Cristine F. Mendes
CESAM/ GO



8.1 - A RELEVÂNCIA DA FORMAÇÃO PARA TRABALHAR A TEMÁTICA FAMÍLIA

Re

Pelo já explicitado anteriormente, em termos do reconhecimento da complexidade do trabalho e sobretudo pela relevância que ele tem no contexto atual para o conjunto da Ação Social Salesiana, nesse mesmo nível de importância se coloca também a qualificação da equipe de educadores/trabalhadores.

De acordo com a orientação para a Educação Social – Caderno da Identidade Carismática – p. 41 – não se refere a instigar a humanidade a transformar o mundo, mas se trata de agregar valor às práticas de trabalho social e sobretudo, conhecer as condições reais da família, compreender e respeitar os diferentes arranjos e reconhecer

o potencial de cada uma, seus desejos e os conhecimentos que dispõem, que poderão levá-las à superação da situação vigente, encontrando novas possibilidades e modos de vida.

Para a eficácia do trabalho com as famílias, o perfil do educador será uma dimensão de especial cuidado. Vamos elencar alguns fatores que são determinantes nos resultados da abordagem com a família: a capacidade de planejar, organizar e realizar as ações, a leitura do contexto que facilita diagnosticar, antecipar e prevenir situações, a capacidade de comunicação com ênfase no acolhimento, na escuta, na prontidão à reconciliação, a habilidade de mobilização e motivação das pessoas, o estilo

de liderança – democrática, com firmeza e gentileza, focada no trabalho em equipe, na articulação de forças propulsoras, na mediação de conflitos, na prontidão para acolher e na opção de inspirar confiança e esperança.

Considerando que a proposta tem em seu núcleo central o “educar para a convivência”, apoiada nos valores e direitos humanos, o comportamento e a atitude dos educadores devem primar pelo alinhamento e coerência (andar como se fala). Muito além do discurso, eles estarão ensinando pelo exemplo. Importante lembrar que no relacionamento interno à instituição, a relação com os pares deve ser pautada nos valores que são preconizados: respeito, coopera-

Re ção, honestidade, verdade, compreensão, alegria, tolerância, gentileza, firmeza, comunicação clara, gratidão, bondade, disponibilidade, entre outros.

Ip Dentre os ensinamentos do Prof. Antônio Carlos Gomes da Costa vamos lembrar que é preciso ser compreensivo, e indispensável ser exigente. Todos são capazes, podem sempre fazer “o melhor”. Mas a compreensão vem antes da exigência. Nesse sentido é válido perceber e não cobrar da família aquilo que ela não tem condições de oferecer. Para ilustrar essa situação, citamos a reunião de pais (na escola) que, seguindo o padrão, cobram que os pais acompanhem e ensinem a tarefa escolar ao filho, e o fazem sem se dar conta de que os responsáveis não são alfabetizados.

É desejado também que os profissionais saiam da área de conforto e – para além do ótimo trabalho intramuros – possam ampliar o olhar/o diálogo com o entorno, a comunidade, reverendo em novas experiências, na intersetorialidade e na corres-

ponsabilidade.

A temática da família exige de nós um esforço contínuo de estudo, reflexão, diálogo e disposição para aprender e sobretudo, utilizar abordagens “ricas de humanidade”, que evitem atitudes superficiais ou medíocres.⁴

Os planos de trabalho com as famílias, ou (re)elaboração do projeto de vida devem ser sempre facilitados/apoiados pelos educadores e construídos com os destinatários passo a passo, com respeito, confiança, participação e comprometimento, na perspectiva de que elas possam encontrar soluções inovadoras (aquilo que ainda não conhecemos, não pensamos, não sabemos...).

As pessoas terão sempre maior comprometimento em implementar aquilo que pensaram e participaram desde o

início (da fase dos sonhos e planos), podendo ir bem mais longe do que se espera.

Um consistente trabalho com crianças e adolescentes traz como exigência a construção do “Plano Individual de Atendimento” – PIA. Por quanto possa ser difícil talvez chegar a esse nível de construção de uma proposta educativa personalizada para todos os assistidos, para casos especificamente mais difíceis, é imprescindível uma bem estruturada proposta de atendimento e de acompanhamento individual. Elaborar o PIA não pode ser visto como o preenchimento de dados em uma matriz de cadastro. Significa estabelecer um plano de ação e de recursos estratégicos que auxiliem, de forma efetiva, vencer as barreiras que impedem o desenvolvimento social, intelectual e emocional de um determinado destinatário da missão salesiana. Pois bem, cabe lembrar que um PIA bem construído e exequível deve necessariamente nascer de forma interativa com o seu destinatário e com o compromisso

e a participação da família. Na prática do dia a dia, será que estamos acostumados a envolver a família e trabalhar com ela os processos de que necessitamos para vencer especiais dificuldades que afetam a pessoa e a vida de determinados meninos ou meninas que chegam até nossa Obra ou Projeto? Avaliamos e/ou reavaliamos com a família as metas que estabelecemos para alcançarmos com alguns destinatários em especial?

Ao longo do tempo, o trabalho social vem sendo realizado de forma segmentada, com os grupos organizados por faixa etária, os encontros da família quase sempre centrados na figura materna, etc.

Isto deve valorizar as competências individuais, promover novos aprendizados, superar conflitos, revisar os papéis e realimentar os vínculos afetivos entre avós e netos, irmãos mais velhos, pais, mães e filhos ou filhas e quem mais vier. A re-

A proposta é ousar um pouco mais, experimentando também outros formatos, organizar alguns encontros intergeracionais – planejados e dirigidos. Entendemos que é uma possibilidade de aproximação, criação e fortalecimento dos vínculos, respeito à diversidade e construção de novos compromissos.

comendação é que essa experiência não aconteça logo nos primeiros dias do trabalho – início de período. É necessário que os pais/mães/responsáveis que vêm frequentando estejam mais fortalecidos e preparados para melhor participação (familiarizados com a dinâmica do trabalho, os pares, o espaço, os educadores). Desta forma, eles podem ser também facilitadores/aliados no processo.



Ex

A título de complementação vamos elencar a seguir algumas questões relevantes para o processo de formação dos educadores que irão assegurar melhor qualidade ao trabalho no fortalecimento das famílias. Muitas delas já foram abordadas ao longo do texto, entretanto, se propõe aqui uma síntese:

1º

Compreensão/alinhamento do conceito de família, novos arranjos e cuidados no relacionamento e intervenção/abordagem;

2º

Leitura de contexto e mapeamento dos recursos no território das famílias inseridas no projeto; trabalho em rede;

3º

O relacionamento familiar – papéis e responsabilidades;

4º

Os direitos humanos e as responsabilidades legais (criança, adolescente, mulher, idoso, etc.);

5º

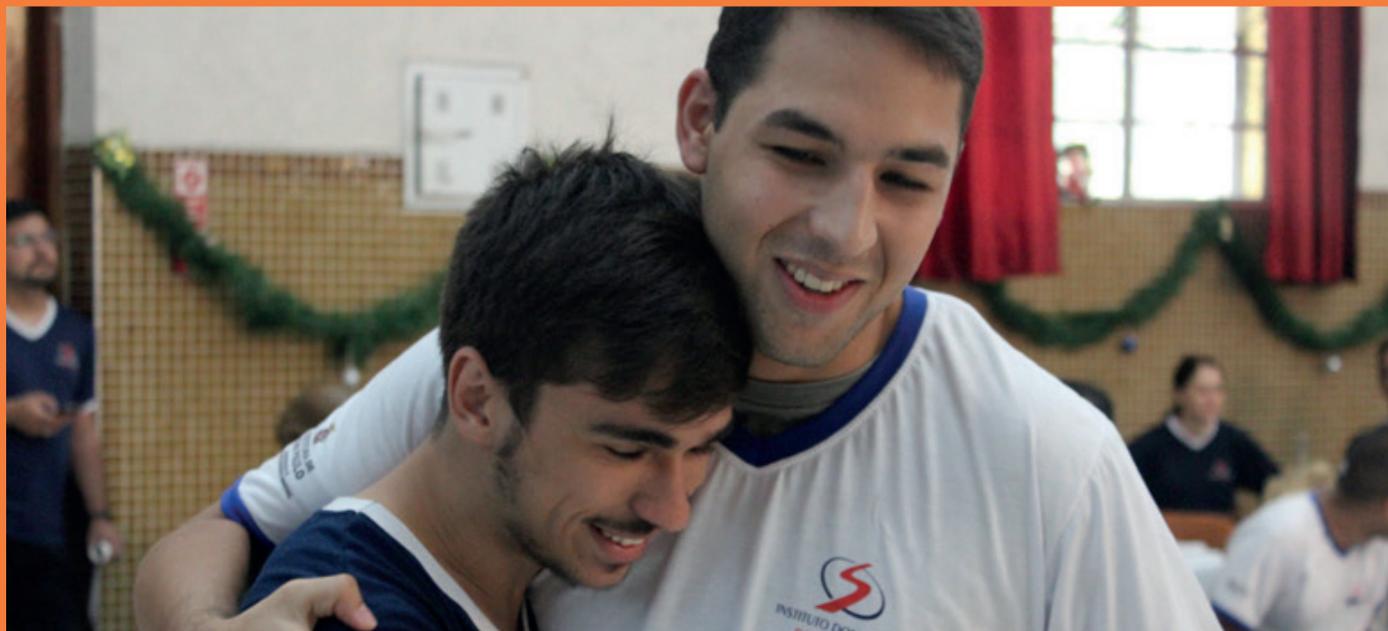
O papel do educador social – postura, comportamentos e atitudes; e as ferramentas de trabalho – planejamento, organização, articulação, comunicação, operacionalização, avaliação ou monitoramento;

6º

O fortalecimento do trabalho de equipe, participação e os valores humanos (os valores bem trabalhados e vivenciados dão sustentação na formação de pessoas fortalecidas emocionalmente, equilibradas, íntegras e amorosas – pode ser o eixo norteador do projeto);

7º

As características do educador salesiano trazidas nos Cadernos 2 e 3 da Identidade Educativo-pastoral e Identidade Carismática, respectivamente.



8.2 - ITINERÁRIO DE FORMAÇÃO E REFLEXÃO PARA AS FAMÍLIAS

Re

O que nos caracteriza é a possibilidade da recusa ao óbvio, a recusa àquilo que parece fatal, a incapacidade de desistir: a não desistência do futuro onde há dignidade coletiva, onde há possibilidade de felicidade, onde há possibilidade de liberdade a ser partilhada.

Mario S. Cortella

Os “Encontros com a Família” são espaços importantes de contatos com os responsáveis pelas crianças e adolescentes atendidos nos programas que acontecem na obra salesiana. Assim, esses momentos privilegiados de contatos entre educadores e pais e/ou responsáveis não podem se constituir tão so-

mente como um momento de informações sobre o andamento do trabalho, comportamento dos filhos e programação das atividades que serão realizadas. Tais encontros serão tanto mais proveitosos quanto mais se constituírem como um tempo de orientação e formação dos pais ou responsáveis para as ações de educação dos filhos/crianças e adolescentes e a administração do lar. Como as crianças e os educadores/técnicos, também os pais necessitam de formação e de espaços para compartilhar experiências.

Com certa frequência, a ideia de “educar” as famílias carrega o pressuposto de que elas não têm sido competentes em relação à criação dos filhos. Há uma crença paralisante de

que as famílias que participam da vida “escolar” das crianças são sempre as mesmas, enquanto aquelas que mais precisam estão ausentes. Mais do que isso, as reuniões de pais – nos modelos escolares – são conduzidas pelos gestores ou professores que passam as informações como “regras”, em tom e postura de quem detém o saber e o poder.

A orientação para o trabalho com os grupos familiares deve ser construída sob a ótica de formar aliança com os pais ou responsáveis, aceitando-os como “parceiros de uma mesma missão e como sujeitos da ação educativa” na perspectiva de nos educarmos juntos.

Um trabalho profícuo requer a disposição e revisão permanente das práticas e posturas,

Re a coragem para ouvir todos os interlocutores – família, voluntários, parceiros, etc. – e decisão firme para fortalecer a rede de proteção à criança e ao adolescente que seja realmente integral. Devem ser banidas as práticas antigas e recorrentes de caráter assistencialistas, paternalistas e ou autoritárias.

Destaca-se que o programa de trabalho com as famílias deve estar alicerçado em algumas premissas a⁵compreender:

1º

O destinatário da ação como um interlocutor, agente ativo no processo de planejamento e desenvolvimento do trabalho;

2º

O foco do trabalho deve estar centrado nas pessoas e nas funções familiares de cuidados e socialização (não na estrutura);

3º

As práticas devem estar pautadas pela conduta ética, na perspectiva da participação social e do acesso aos direitos humanos/cidadania;

4º

A população participante tem necessidades, mas também tem possibilidades, capacidades e potencialidades; a abordagem deve partir do que elas têm, do que elas trazem e não do que lhes falta;

5º

O melhor instrumento da comunicação é a escuta. Escutar é um ato amoroso.

6º

Os conhecimentos dos técnicos/educadores estão a serviço do direito do outro e não são hierarquicamente superiores aos conhecimentos trazidos pelos destinatários (podem ser diferentes); a fala do destinatário é tão legítima quanto a do educador (princípio da horizontalidade do trabalho em rede);

7º

Participar não se restringe a aderir, pressupõe o compartilhar, colocar-se em movimento em determinada direção (objetivos claros/intencionalidades);

8º

Participação constrói reciprocidade e confere às pessoas o sentimento de pertencimento e autoconfiança (sentir-se capaz); e é um importante instrumento de educação política;

9º

Agir envolve coragem, disposição, interesse, mas há também uma dimensão afetiva, expressa no sentimento que motiva a querer conhecer e alcançar uma dada condição; o ingrediente é a esperança do verbo “esperançar” – esperança com ação – diferente do verbo esperar, como disse Paulo Freire.

10º

Educar para a convivência humana pressupõe muita compreensão, mas é preciso ser exigente – o melhor de cada um(a) – todos são capazes;

11º

Um ambiente educativo acolhedor, familiar, simples e alegre pode ser contagiante e determinante para que elas venham, permaneçam e se inspirem a reproduzir em seus lares (a casa aberta do Pai/Mãe);

12º

A dimensão espiritual é parte integrante e integradora do desenvolvimento da pessoa, respeitando vertentes pessoais de credos, cultos ou de outras particularidades que possam ser específicas da dimensão religiosa da pessoa (Salesianos – Caderno da Identidade Carismática – p.39);

13º

A referência é sempre a memória carismática, fonte da qual se deve haurir clareza e convergência de intentos, paixão educativa e decisões operacionais. (D. Bosco);

14º

Toda instituição tem incompletude institucional e assim a busca por alianças, parcerias e apoios são também permanentes.

“Família são aquelas pessoas que estão contigo nos piores e melhores momentos e aqueles que te fazem uma pessoa feliz”.

Eduardo da S. Guimarães – CESAM / GO

Ip A organização dos Encontros com a Família, que envolvam os pais ou responsáveis, pode ser feita com a participação de profissionais da comunidade que, com sensibilidade e voluntariamente, possam trazer reflexões e momentos de diálogos enriquecedores para as famílias.

Algumas sugestões de assuntos que podem fazer parte desse itinerário:

a) Educando para formar e ser família

b) Educação de meninos e meninas: afeto, limites, valores morais e espirituais

c) Sistema Preventivo no ambiente doméstico

d) Os desafios para a família hoje (*Bullying*, suicídio, mutilação, dependência química, gravidez na adolescência, novas tecnologias)

e) Valor da educação escolar e do acompanhamento escolar e da participação na organização e no funcionamento da escola

f) Sistema de Garantia de Direitos/Justiça (Defensoria, Conselho Tutelar, Promotoria...)

g) Participação popular, cidadania e controle social

h) Cuidados preventivos quanto à saúde de crianças e adolescentes (e para adultos - autocuidados/outra sessão)

i) Economia doméstica/gerenciando os recursos financeiros/orçamento.

j) Planejamento familiar

k) Importância da formação religiosa das crianças e adolescentes (Espiritualidade)

l) Os cuidados do uso da internet para crianças e adolescentes (para os adultos, tempo perdido na rede social, exposição, codependência do WhatsApp, Facebook ou Instagram, responsabilidades)

m) Relacionamentos intra-familiares/intergeracionais e administração de conflitos

n) O direito a ter direitos (direitos humanos)

o) Alimentação saudável com economia

p) Cuidados com a vida: o consumo compulsivo, o ar, a água, o lixo etc.

q) Impactos da propaganda/marketing sobre a vida das crianças e adolescentes

r) Valores humanos na vida pessoal e no mundo do trabalho: a sugestão é fazer várias sessões

- um encontro para cada um dos valores e ao final uma roda dos valores e como estão inter-relacionados, transformando temas abstratos como paz, compaixão, tolerância, cooperação, humildade, gratidão, respeito, amor, compreensão, fé, diálogo, ética, justiça, entre outros, para experiências práticas, vivenciadas no dia a dia (para que sejam experimentadas, localizadas e se tornem concretas). As experiências humanas efetivas são instrumentos preciosos para as aprendizagens dos direitos/valores. É importante estar atento a todas as situações do cotidiano e aproveitá-las (como por exemplo: uma criança vendendo balas no semáforo, o menino que fura a fila no refeitório, o aluno que desrespeitou o professor, a menina que agrediu a colega no ponto de ônibus, R\$ cinco reais desaparecido da mochila de Pedro, notícias publicadas pela imprensa, por vezes com pessoas conhecidas [local] que todos ficam comentando...)

s) Trazer experiências do lúdico como de “contação de histórias” para os adultos e resgatar a importância do brincar;

t) Convidar pessoas da comunidade que possam trazer relatos de história de vida e superação (isto é bem inspirador, todos gostam muito, sensibiliza); os depoimentos criam o sentimento de “se ela pode, eu também posso”, encorajam.

u) Outras atividades que possam contar com participação do maior número de pessoas da família, planejado e organizado por uma comissão eleita pelo grupo ou voluntários, algo como uma exposição de trabalhos feitos por eles, um sarau, uma tarde de lanche coletivo produzido por eles com troca de receitas (se for possível, produzirem juntos, ainda que sejam em pequenos grupos), uma festa junina, uma

tarde musical ou de jogos entre os componentes da família, etc.

V) Roda de Leitura e Conversa: crônica, romance, biografia, poesia, conto, história, (selecionada/recortes).

Inspirada pela obra do Prof. Antônio Cândido (1989) ao tratar sobre Direitos Humanos e Literatura, ele vai sustentar o quanto a literatura humaniza em sentido profundo porque faz viver. Refletindo sobre o efeito das produções literárias, o autor mostra que a literatura atua, em grande parte, no subconsciente e no inconsciente, passando pela abstração e pela contradição e propõe um modelo de coerência gerado pela força da palavra organizada, confirmando o homem na sua humanidade. Ele diz que a literatura desenvolve em nós a humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

W) Momento formal de Avaliação (feito pelos destinatários). Complementando o item 6.13 deste Caderno, em que foram feitas algumas considerações sobre Avaliação, reforçaremos aqui sobre a importância deste momento, em especial, como oportunidade de aprendizagem para todos.

Neste momento pontual de avaliação de resultados, pode ser construído um instrumental, adaptado para cada grupo e aplicado para todos ao mesmo tempo (incluindo as crianças, adolescentes, os voluntários, educadores, técnicos e gestores). Colocando os mesmos fatores para avaliação, permite excelente análise e realinhamento dos trabalhos, melhoria dos aspectos frágeis e adequações necessárias. Precisa cuidado na elaboração do instrumental para que permita apurar opinião verdadeira dos respondentes. Cuidados com a compreensão das questões, caso haja dificuldade

de leitura pode-se usar símbolos que signifiquem, por exemplo: insatisfeito, satisfeito, muito satisfeito ou ruim, mais ou menos, bom, ótimo – enfim, ser criativo e pensar algo que seja significativo e fidedigno para o projeto e fácil/simple para os respondentes. E fazer a aplicação em tempo curto (simultâneo) evita que a comunicação entre as pessoas possa trazer influência. Sendo ágil na aplicação, os resultados poderão ser mais “puros” (sem contaminação), principalmente em caso de questionários para respostas individuais. Ainda que sejam entrevistas ou grupos focais, ao estender o tempo de aplicação algumas lideranças podem exercer influência para aspectos que elas queiram dar ênfase (como por exemplo: influenciar o grupo para avaliar de forma negativa o desempenho do educador ou fazer pressão para ampliar o horário da oficina de dança em detrimento da atividade de leitura e produção de texto.).



Ip Elencados estes temas, é válido lembrar que se trata de sugestão e que o Educador ou Técnico Responsável tem plena autonomia e certamente, ao longo do período, irá dialogar com os participantes – tanto os membros das famílias quanto os voluntários – ouvindo as sugestões, necessidades e prioridades do grupo, de acordo com a realidade local e suas demandas.

Um fator determinante para o sucesso do encontro é a sua forma de condução. Os assuntos chamam mais ou menos atenção, mas, conforme a metodologia de condução da reunião será o grau de satisfação dos

participantes e poderá aumentar a distância ou ampliar os canais de diálogo com a equipe.

Estar atento à dinâmica que ocorre no grupo é aspecto fundamental visto que as pessoas tendem a voltar, e até incentivam que outros venham participar, na medida em que o encontro se torna significativo para elas: tem sentido, melhora autoestima, encoraja e ou ajuda a encontrar soluções para questões que não estavam conseguindo resolver sozinhas.

O educador responsável pela atividade deverá preparar-se com antecedência, incluindo os cuidados com o ambien-

te limpo, arejado, iluminado, acolhedor e confortável. Pode usar música ambiente, flores ou plantas como decoração, expor o trabalho das crianças quando for apropriado, preparar todo o material que for utilizar para dinâmicas, anotações, exposições (cópias de textos, lista de presença, Datashow, vídeos, câmera fotográfica etc.). Encerrada a atividade, convidar a todos para um pequeno lanche coletivo, espaço este que facilita as conversas individuais com a equipe e os membros da família que assim desejarem.

OBS: o uso de Datashow tem sido unanimidade hoje em qual-

Ip quer encontro, entretanto é aconselhável observar o público participante. Há palestrante usando textos longos para público que não tem domínio da leitura, pessoas cansadas após o dia de trabalhos pesados que até adormecem, etc. O recurso didático deve ser utilizado para facilitar o aprendizado dos destinatários da mensagem.

Estes encontros podem ser documentados – fotografados, filmados – e mais tarde serem usados em exposições, momentos de comemorações, vídeos institucionais etc. A sis-

tematização do trabalho é muito importante. Os registros vão permitir além da memória, facilitar o processo de avaliação, a continuidade do trabalho por outros profissionais e até gerar material científico (estudos, exposições em conferências, relatos de experiências na rede, etc.). Ao longo do tempo pode se transformar em metodologia de trabalho eficaz com família e resultar num “Manual de Orientação para Projetos com Família”. Importante estar atento para não burocratizar, passar o foco da ação para fotos, papéis, etc.

Além disso, decorridos algum tempo do projeto, seus registros podem ser auxiliares para revelar a ausência de equipamentos ou serviços inexistentes ou deficitários no território, ou seja, servirá também para facilitar diagnósticos de políticas públicas.

IMPORTANTE: Observar a característica transversal do “modo de agir educativo e pastoral Salesiano”, e “conseguir ter um duplo olhar como educadores sobre a vida do jovem e a de sua família”⁶



8.3 - UMA PASTORAL SALESIANA PARA A FAMÍLIA

"...ainda que eu tenha tão grande fé que transporte montanhas, se não tiver amor, nada sou.

Ainda que eu distribua todos os meus bens e entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor de nada me vale. "

(1 Cor 13, 2-3).

S

"A família que reza unida permanece unida". Esta afirmação foi uma constante durante muito tempo na Igreja e também nos espaços salesianos. De forma simples e direta se procu-

rou dar ênfase à importância da fé no seio familiar como elemento integrador e de superação das dificuldades que naturalmente compõem as relações humanas e que não são diferentes ao interno da família.

O componente "espiritualidade", como parte do tripé que fundamenta o Sistema Preventivo de Dom Bosco, não apenas deve alcançar o destinatário direto da missão salesiana, mas precisa ser extensivo também à sua família. Dom Bosco trouxe para o seu método educativo a razão, o afeto e a religião como elementos fundamentais de uma relação educativa que teve na família e nos laços familiares seu modelo inspirador. De forma análoga, podemos dizer que esses três elementos do Sistema

Preventivo se constituem como essenciais para alimentar positivamente as relações familiares. Pensar formas para uma animação pastoral da família é por certo um grande desafio como o é também para a animação do conjunto do atendimento social que prestamos a crianças e jovens. Apostar na significatividade da animação pastoral como um meio tão importante quanto necessário para o desencadear de um ambiente familiar arejado, rico de valores, favorável ao diálogo, ao respeito mútuo, ao perdão, à colaboração, deve nos animar a empreender os esforços necessários para a construção da pastoral familiar salesiana.

S

O sentido da permanente confiança nos auxílios da Providência Divina, que animou Dom Bosco nos difíceis momentos de discernir os caminhos e o sustento para todo o seu trabalho, e seu labor intenso ainda que confiante de que Deus supriria aquilo que seus limites pessoais não alcançassem, podem inspirar um modelo de fé prática. As famílias em situação de grande vulnerabilidade, tendo que educar seus filhos em ambientes não raro adversos, são levadas, muitas vezes,

a viver um clima de insegurança e de angústia. A fé de Dom Bosco pode por certo servir de modelo e inspiração. Não é a atitude passiva ou acomodada de quem fica esperando que Deus resolva seus problemas, mas a expressão consciente do princípio do “ajuda-te que Deus te ajudará” e da certeza de que Ele pode, por certo, ir além dos nossos limites humanos.

O estímulo a buscar também na religião e na fé em Deus as luzes para bem educar os

filhos, para superar na paciência os desafios de educar nos dias atuais, pode ser motivador para o engajamento das famílias numa ação pastoral. Celebrações construídas com fervor e alegria, construídas de forma breve e com a participação interativa de pais e filhos, a partir de temas das festas litúrgicas e salesianas, e animadas de forma popular, podem se constituir como um adequado mecanismo de animação pastoral.

Além das atividades desenvolvidas a partir de animação ao interno da própria obra, sugerimos outras práticas que podem ser desenvolvidas a partir das famílias ou das comunidades em seus locais de moradia:

1º

A Obra Salesiana pode fazer o levantamento e a divulgação para as famílias das Paróquias e Capelas próximas ao local de suas moradias bem como da programação das atividades religiosas ou outras, que possam ser de interesse para as famílias;

2º

Celebrações nas casas: novenas, terços (com o apoio de ministros leigos ou de lideranças organizadas entre as próprias famílias);

3º

Visita de Capelinhas que podem levar Dom Bosco e a Auxiliadora acompanhadas de orações pelos filhos;

4º

Em parceria com as Paróquias dos Bairros onde residem grupos de famílias das crianças que frequentam a Obra Salesiana, promover um encontro mensal para celebração da Palavra, reflexão, oração. (iniciativas criativas como sorteios para as crianças e distribuição de pontinhos para premiação no término do semestre, podem ser um chamariz para que as crianças animem a participação dos pais);

5º

Convite aos Párocos para que se façam presentes nos dias de Encontros com a Família para convidarem as famílias do seu bairro a participar das programações da Comunidade Paroquial.

6º

Respeitando a diversidade religiosa talvez se possa fazer algum movimento parecido em colaboração com alguma das Igrejas Evangélicas tradicionais.

9 - TEMÁTICA FAMÍLIA À LUZ DA EXPERIÊNCIA DE DOM BOSCO E DE MADRE MAZZARELLO



“Família não precisa ser exatamente de sangue ou nascido pelo mesmo parentesco. Família pode ser pessoas que se amam e se importam umas com as outras, que nos acolham como somos, que se preocupem com o nosso bem-estar”.

Gustavo Silva de Morais
CESAM / GO

Afirma-se, constantemente, que Dom Bosco viveu muito além do seu tempo. E é verdade. O Plano Nacional de Convivência Familiar e Comunitária, aprovado pelo governo federal em 2006, trouxe novos paradigmas para o trabalho com crianças e adolescentes que, por circuns-

S

tâncias várias, encontram-se – pelo menos temporariamente – impedidos de conviver com suas famílias naturais. Nos casos em que a necessidade de acolhimento institucional se faça presente, a orientação é para que se tenha como referência o ambiente familiar, o trabalho com pequenos grupos, em detrimento de modelos anteriormente adotados nos antigos internatos ou “orfanatos”.

Dom Bosco, que desde os inícios do seu trabalho acolheu adolescentes e jovens para morar no seu Oratório, num período em que Instituições que realizavam tais programas eram marcadas pela frieza das relações e o rigor da disciplina, teve como princípio oferecer aos seus meninos um ambiente com características de família. Uma de suas iniciativas foi levar para estar com ele e com os adolescentes e jovens sua mãe Margarida, que assumiu um papel de verdadeira mãe para todos aqueles meninos. Após sua morte, igual papel vai ser desempenhado pela mãe do Pe. Miguel Rua.

Era muito claro também para Dom Bosco que as relações entre os superiores/educadores e seus jovens deveria ser marcada fundamentalmente pela familiaridade. Quem comandava não deveria ser visto como a figura de uma autoridade, mas sim como a de um pai.

Com uma pedagogia que tinha como alguns dos seus elementos a alegria, a espontaneidade, a festa, Dom Bosco criou no Oratório de Turim um ambiente de tanta descontração e familiaridade, que até mesmo alguns dos seus mais próximos colaboradores, como foi o caso do Pe. Cafasso, acostumados com o rigor das normas e regras, afirmavam que o Santo mantinha um clima de “desordem” entre seus educandos e queria maior rigor na escolha dos jovens. O Pe. Cafasso chegou a aconselhar à própria irmã que não inscrevesse seu filho, Giuseppe Allamano, para frequentar o Oratório de Dom Bosco. Felizmente esse conselho não foi acolhido e Allamano cresceu no Oratório de Valdocco e tornou-se o fun-

dador dos Missionários da Consolata, sendo um beato na Igreja Católica, a caminho da canonização, conforme relata Pe. Marcos Sandrini (2018, p.26), apoiado na obra de Brocardo (2005).

As Constituições Salesianas no artigo 16 afirmam:

Dom Bosco queria que em seus ambientes cada qual se sentisse em casa. A casa salesiana torna-se uma família quando o afeto é correspondido e todos, irmãos e jovens, se sentem acolhidos e responsáveis pelo bem comum.

Em clima de confiança mútua e perdão cotidiano, experimenta-se a necessidade e a alegria de tudo compartilhar, e as relações se regem não tanto pelo recurso às leis quanto pelo movimento do coração e da fé.⁷

⁷ MBV, 577.

As mesmas constituições, no artigo 38 nos lembram ainda, ao trazer a afirmação de Dom Bosco sobre o Sistema Preventivo, que “Este sistema se baseia na razão, na religião e na bondade”⁸, que o nosso serviço educativo e pastoral “associa numa única experiência de vida educadores e jovens, em clima de família, de confiança e de diálogo”.

A visão de família de Dom Bosco é facilmente compreendida pelo fato de que o Oratório não era apresentado como uma Instituição ou mesmo uma Obra. Pelo fundador e também pelos primeiros Salesianos, a expressão mais comum era identificar o oratório como casa e, ainda mais, “casa que acolhe”. E nessa casa, o clima que deve reinar é sempre o da familiaridade que aparece em muitos escritos de Dom Bosco, mas de uma forma muito viva na conhecida “Carta de Roma”, escrita por ele em maio de 1884. Ali encontramos afirmações tais como:

“...a familiaridade gera o afeto e o afeto produz confiança. Isto é que abre os corações, e os jovens manifestam tudo sem temor aos mestres, assistentes e superiores...”

Familiaridade com os jovens especialmente no recreio. Sem familiaridade não se demonstra afeto e sem essa demonstração não pode haver confiança. Quem quer ser amado deve demonstrar que ama. Jesus Cristo fez-se pequeno com os pequenos e carregou as nossas fraquezas. Aí está o mestre da familiaridade! O professor visto apenas na cátedra é professor e nada mais, mas se está no recreio com os jovens torna-se irmão”.

Na esteira de Dom Bosco, por partilhar o Sistema Preventivo e o mesmo estilo de trabalhar a educação, Madre Mazzarello, que se uniu com o fundador dos Salesianos para fundar o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, também traz para a ação das Salesianas a referência do espírito de família. As “Linhas orientadoras da missão educativa das

FMA” – LOMA, assim afirmam no número 149: “Na comunidade, as relações são marcadas pelo “espírito de família” que elimina as distâncias, facilita a familiaridade, aproxima as gerações e cria um clima de confiança onde as pessoas podem crescer em liberdade, e colaborar entre si, em reciprocidade”.



⁸ MB XIII, 919

10 - EXPERIÊNCIAS PRÁTICAS DE INTERVENÇÃO NA FORMAÇÃO E NO TRABALHO COM FAMÍLIAS



“O futuro da humanidade passa pela família! Compete ainda aos cristãos a tarefa de anunciar com alegria e convicção a “boa nova” acerca da família, que tem necessidade absoluta de ouvir e de compreender sempre mais profundamente as palavras autênticas que lhe revelam a sua identidade, os seus recursos interiores, a importância da sua missão na Cidade dos homens e na de Deus”.

João Paulo II, *Familiaris consortio*. Exortação Apostólica sobre a função da família cristã no mundo de hoje, 22 de novembro de 1981, 86.

Para finalizar, a título de ilustração e exemplo, estão elencados alguns elementos presentes em projetos significativos de experiências nos trabalhos com famílias, e que esperamos sejam a partir de agora enriquecidos com outros milhares que virão das práticas dos trabalhos salesianos para compor a próxima versão do caderno:

1º

- Durante os “Encontros” ter como complemento um serviço de “plantão” que atende e esclarece dúvidas dos participantes. Encerrada a reunião, enquanto está servido o café ou lanche, ter na sala ao lado alguns profissionais voluntários que prestam esse serviço, como por exemplo: um(a) advogado(a), um(a) pediatra, um(a) psicóloga ou pedagogo(a) etc. complementando o trabalho feito pelos técnicos e educadores do Programa, em questões mais pontuais;

2º

- Quando programada alguma viagem com as crianças e adolescentes, estabelecer um critério com as famílias e eleger algumas mães que serão acompanhantes para auxiliar na condução das crianças e fortalecer os laços com o Projeto (além de ser uma oportunidade para as mães que talvez não conheçam também o local visitado);

3º

- Algumas dicas para aumentar e assegurar a frequência nos “Encontros da Família”: 1) propor a “corrente de ajuda mútua”: aqueles e aquelas que vêm frequentando as reuniões assiduamente são convidados a cooperarem para organização do próximo encontro convidando mais uma família (que ainda não se faz presente.). Pode ocorrer com alguém que more no mesmo bairro, rua ou conjunto habitacional e podem vir juntas para a reunião. 2) A cada final da reunião deixar uma pequena tarefa para ser entregue no próximo encontro; 3) Fazer sorteio de um brinde (aqui não se refere à doação, valorização de bens materiais ou de caráter assistencialista). Deve ser algo simbólico, de natureza educativa, que traga algum significado para as mães. 4) Também pode ser feito um artesanato (imã de geladeira) com uma frase que contenha a essência da mensagem do encontro e distribuir para todas. Algumas costumam dizer que aquele lembrete faz com que elas reflitam ao longo do mês sobre o tema abordado;

4º

- Uma sugestão para trabalhar com famílias faltosas ao Encontro é, no dia seguinte, a secretária fazer contato e agendar uma “conversa individual” com a Coordenação do Projeto para tratar dos assuntos que foram abordados na reunião. Ela de toda forma terá que vir ao local do Projeto; da próxima vez vai pensar, e, geralmente faz melhor empenho para participar do encontro coletivo;

5º

- O encontro com as famílias deve ocorrer com a frequência de no mínimo um encontro por mês;

6º

- As agendas devem ser construídas com as famílias, observando a disponibilidade de datas e horários dos participantes;

7º

- Todos os educadores devem, na medida do possível, se fazer presentes, conversar com os familiares, principalmente no início das atividades (do ano ou semestre) para se apresentarem/se conhecerem. Na continuidade dos trabalhos, é desejado que estejam, no mínimo, dois profissionais que tenham convivência intensa com as crianças e adolescentes. Ressalta-se que para o estabelecimento de vínculos, é importante que essa dupla permaneça ao longo do tempo, ainda que outros possam vir participar esporadicamente. Evitar, sempre que possível, trocas ou substituições de educadores (chave) no meio do percurso pedagógico;

8º

- A proposta do projeto deve ser apresentada na primeira reunião e construído o “contrato de convivência”, observando-se que há abertura/interesse da equipe para incorporar sugestões dos participantes;

9º

- Os parceiros (Instituições, serviços, técnicos de outros programas, etc.) também podem ser convidados a participar de Encontros, quando for oportuno;

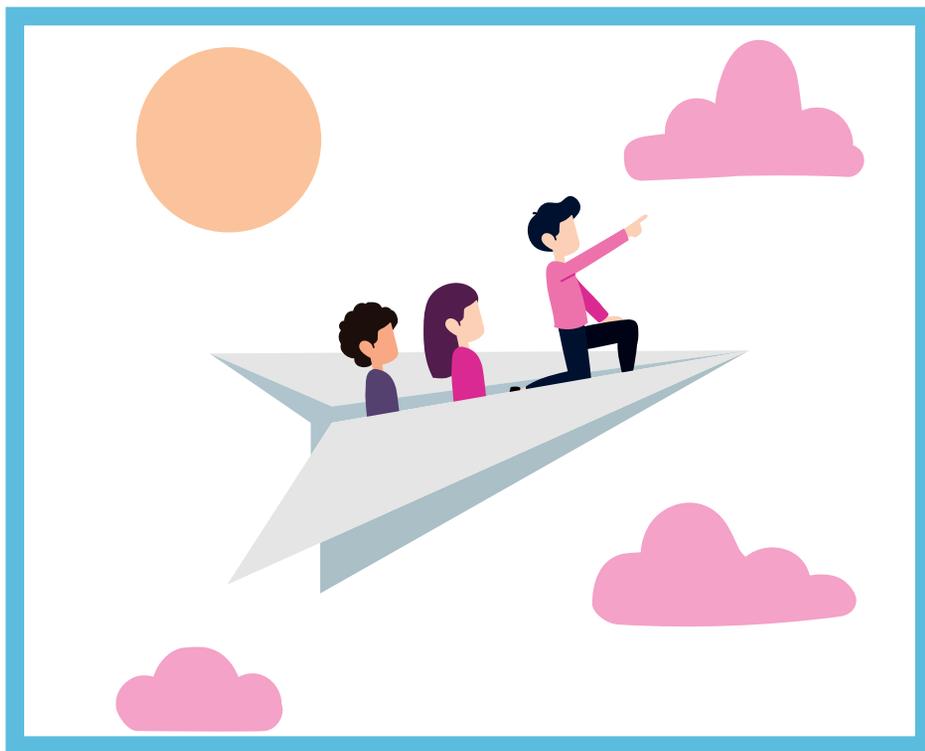
10º

- Caso sejam recorrentes algumas situações de absenteísmo (ou evasão) das crianças ou adolescentes, pode-se fazer a articulação com o Conselho Tutelar para averiguação e orientação à família; nesta situação é importante alinhar o trabalho para que seja potencializado e direcionado sempre para os benefícios das crianças, sem conotação da “polícia de família” que vai para fiscalizar, cobrar, ameaçar ou fazer pressão equivocada.

“A Igreja deve pôr um cuidado especial em compreender, consolar e integrar, evitando impor-lhes um conjunto de normas como se fossem uma rocha, tendo como resultado fazê-las sentir-se julgadas e abandonadas precisamente por aquela Mãe que é chamada a levar-lhes a misericórdia de Deus”.

Amoris Laetitia, 49

11 - ALGUNS DESAFIOS QUE O TEMA AQUI TRATADO PROPÕE PARA NOSSAS OBRAS



“Família para mim significa bem mais que pessoas que têm o mesmo tipo sanguíneo que eu, significa amor, que sempre vou ter alguém para me apoiar, me ensinar, me ajudar a tomar decisões, me ensinar os grandes valores da vida... Para mim, na família tem que haver união, sinceridade, companheirismo, compreensão, sabedoria, saber dizer “não”, entendimento, honestidade. É isso que eu quero quando for formar a minha família”.

**Danielly Leão Pereira –
CESAM / GO**

De forma prática e visando que nossas obras nos auxiliem a adentrar ainda mais no desafio de uma ação eficazmente comprometida com o Fortalecimento das Famílias dos destinatários da nossa missão, trazemos a seguir algumas inquietações para o nosso trabalho. Questionamentos e propostas que aqui seguem devem somar-se a todas as propostas trazidas ao longo desse nosso Fascículo:

A **Como o tema família, no que tange às famílias dos nossos destinatários, está presente no Plano de Trabalho da Obra?**

B **Que ações intersetoriais (Educação, Saúde, Assistência Social, etc.) e/ou interinstitucionais (Conselho Tutelar, Poder Judiciário, Ministério Público, Defensoria, etc.) temos programadas ou desenvolvidas para a aproximação e o cuidado para com as famílias dos atendidos na Obra Salesiana?**

C **Temos ações integradas e em parceria com programas e serviços existentes no município (PAIF, Estratégia de Saúde da Família – antigo PSF, entre outros)?**

D **Na programação mensal de formação da Equipe de Técnicos e Educadores que atuam nos projetos da Obra ou Presença social salesiana, quais temas ou ações estão programadas visando preparar tais colaboradores para atuarem de forma profissional e competente na atenção às famílias dos atendidos?**

E

A utilização da Plataforma Bússola no cadastramento dos atendidos permite uma visão detalhada sobre importantes aspectos que dizem respeito à vida familiar e às condições de vida e de moradia dos atendidos. Até que ponto tais informações são utilizadas no momento de construir a programação das atividades educativas, na formação dos atendidos e dos educadores, nas propostas de orientação e formação das famílias que chegam até a Obra Salesiana?

F

Os dados estatísticos nos mostram que grande parte das violações contra crianças e adolescentes acontecem no seio da própria família. Como lidamos com as violações que acontecem na família e que chegam até nós no dia a dia do nosso trabalho? Ou não chegam? Ou não estamos suficientemente atentos para perceber?

G

Como entendemos um relacionamento dinâmico e colaborativo com a família? As famílias têm espaço e papel colaborativo em nossa ação educativa? De que forma? O quanto estamos preparados para ouvir, compreender e estimular a participação efetiva das pessoas, compartilhado conhecimentos e soluções, sempre aceitando e respeitando as opiniões diferentes e divergentes?

H

Se não vamos partir dos elementos estruturantes tradicionais para conceber um modelo de família (pai, mãe, filhos), quais elementos se tornam fundantes para uma concepção atual e real para o sentido de família: afeto, reciprocidade, responsabilidade, cuidado, perdão, respeito, relações hierárquicas e com papéis definidos, etc...? Já trouxemos esse tipo de discussão como pauta para nossas reflexões de estudo e de planejamento com a Equipe de Técnicos e Educadores da Obra?

I

Quanto conhecemos das reais necessidades e dos variados problemas que nossos atendidos passam no seio familiar? Pais envolvidos com álcool e drogas, genitores presos, fome, idosos doentes, ausência do pai ou da mãe, e tantas outras situações. Temos mapeada essa situação de forma sistematizada e com a profundidade necessária? Estamos buscando construir soluções com a família, respeitando seus recursos, tempo, visão, etc...?

J

Quais propostas de ação pastoral voltadas para as famílias realizamos em nossa ação educativa, até como meio para a valorização, a continuidade e o aprimoramento do trabalho pastoral que buscamos realizar com os filhos?

QUESTÕES COMPLEMENTARES:

Constatamos que, ao mesmo tempo que na esfera das ações sociais das Instituições Públicas ou Particulares, a questão família é trazida como de grande importância para o enfrentamento dos problemas que dizem respeito às crianças e adolescentes; via de regra, não há ações bem estruturadas em termos de projetos de trabalho com famílias. Assim podemos trazer como questionamentos para nossas Obras ou Projetos Sociais:

a

O que, enquanto Obra Salesiana, podemos ou devemos fazer para nos tornarmos, no contexto local, uma referência no fortalecimento da família, para além dos “muros” da nossa Obra?

b

Em boa parte dos municípios onde estamos presentes, participamos e até ocupamos assento nos Conselhos dos Direitos da Criança e do Adolescente, da Assistência Social e até de Educação. Quanto o tema família vem pautado nesses espaços? Em que perspectivas são tratadas as questões relativas às famílias com crianças em situações de risco e vulnerabilidade? Quanto nós, Salesianos e Salesianas, contribuimos para pautar tais discussões?

C

Há problemas no território que afligem as famílias de nossos assistidos: falta de saneamento básico, exposição à violência, ausência de creches e/ou estruturas escolares, completa falta de equipamentos de saúde, falta de pavimentação, ausência ou escassa coleta de lixo, deficiência no serviço de transporte público, etc. Temos uma real dimensão de quantos tais problemas estão presentes na realidade dos nossos assistidos?

d

Sobre as questões mencionadas no item anterior, discutimos tais realidades com as famílias de nossos atendidos para que se conscientizem e se mobilizem na luta por seus direitos? Já trouxemos representantes do executivo e do legislativo municipal para debaterem tais problemas com as famílias que atendemos? Trazemos representantes do Ministério Público e da Defensoria Pública para que tomem conhecimento de tais situações e se apropriem dos depoimentos e dramas vividos pelo segmento da população que está mais próximo dos nossos serviços?

e

Quais as possibilidades de organizar, dentre as atividades ofertadas na Obra, uma Escola de Pais? (Importante verificar o que sabemos a respeito, relevância, como organizar, como animar, qual espaço na ação educativa, quem pode nos apoiar na iniciativa: <https://escoladepais.org.br>).

Como fortalecer parcerias com Universidades, Instituições Públicas e Particulares, Conselhos e Entidades para uma programação continuada de Debates, Seminários, Mesa Redonda, *Workshop*, Roda de Conversa e outras ações que mobilizem a comunidade para repensar as políticas públicas e a garantia e defesa de direitos, compartilhando conhecimento e poder? Podemos trabalhar um Projeto de Formação Continuada com parcerias e refletirmos, entre outros temas, sobre:

f

- Quais políticas municipais para um trabalho consistente com famílias?
- Como apoiar as famílias para educarem os filhos diante dos desafios atuais?
- Violência doméstica: como prevenir, como combater?
- Femicídio: o que está por trás dessa cultura e como educar para o respeito às mulheres?
- Os novos arranjos familiares e a salvaguarda dos valores da família.
- A participação da família no processo educativo e os caminhos para uma escolarização capaz de manter a criança e o adolescente na Escola.
- Afeto, limites e valores: caminhos para uma relação positiva entre pais e filhos.
- 10 princípios salesianos para orientar os pais na educação dos filhos.

QUALIFICANDO SEMPRE MAIS NOSSA AÇÃO EDUCATIVA

À luz das propostas e reflexões trazidas e do exercício de cada membro da comunidade educativa (educador, gestor, voluntário...) cabe um esforço para iluminarmos e repensarmos a nossa ação educacional no que se refere ao trabalho com famílias. Todos os que juntam-se à nossa jornada juntam-se a uma jornada desafiadora, excitante, que caminha no sentido da esperança e da fé em um mundo melhor e digno para todos.



“O meu conceito de família não é aquilo que a sociedade impõe, que é pai, mãe e dois irmãos. Família é a junção de amor, afeto, carinho, cuidado e muito mais coisas. Família é diversidade seja ela qual for: se é pai, mãe e filhos ou se é avós que cuidam de seus netos, ou tios e tias. Dessa diversidade eu aprendo que cada um é feliz com a família que tem, independente de qualquer coisa”.

Júlia Gabriela C. G. Lima – CESAM / GO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, A. R., VITALE, M. A. F. (Org.), **Família: Redes, Laços e Políticas Públicas**: São Paulo, IEE/PUCSP, 2003.

ARTIME, Pe. A. F. **Estreia 2017: Somos Família! Cada casa uma escola de Vida e de Amor**: Trad. Pe. José Antenor Velho. Brasília, Edebê, 2017

BAPTISTA, M. V., FÁVERO, E. T., VITALE M. A. F. (Org.), **Famílias de crianças e adolescentes abrigado – Quem são, como vivem, o que pensam, o que desejam**: São Paulo, Paulus, 2009.

BOY, Priscila Pereira. **Afinal, quem manda nesta casa? Educando filhos nos dias atuais**. Belo Horizonte: [s.n.], 2012

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social. **Concepção de convivência e fortalecimento de vínculos** – Brasília, DF: MDS, Secretaria Nacional de Assistência Social, 2017.

BROCARD, P. **Dom Bosco Profundamente Homem Profundamente Santo**. São Paulo: Editora Salesiana, 2005.

CÂNDIDO, A. Direitos Humanos e Literatura. In: FESTER, A. C.R. (Org.). **Direitos Humanos...** São Paulo: Brasiliense, 1989. Disponível em http://dhnet.org.br/direitos/tex_tos/textos_dh/literatura.html

CAPELATTO, I., MOISÉS, D., MINATTI, A. **Prepare as crianças para o mundo**: 2ª.edição. São Paulo, Ed. dos Autores, 2009.

BOSCO, Dom. **Carta de Roma**: in Constituição e Regulamento da Pia Sociedade de São Francisco de Sales. 3ª. Edição. Roma, 2015.

CONSTITUIÇÕES E REGULAMENTOS DO INSITUTO DA SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES. 3ª. Edição. Roma, 2015.

CONSTITUIÇÕES E REGULAMENTOS DO INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA, Roma, 2015.

CORTELLA, M. S. **Não se desespere! : provocações filosóficas**: Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

COSTA, A. C. G. da – **Pedagogia da Presença – da solidão ao encontro**. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 1997.

DICASTÉRIO PARA A PASTORAL JUVENIL, SDB. **A Pastoral Juvenil Salesiana: quadro referencial**. Tradução de José Antenor Velho, 3ª. Edição, Brasília: Editora S.D.B., 2014.

DICASTÉRIO DE PASTORAL JUVENIL SALESIANA. **Atos do Congresso Internacional “Pastoral Juvenil e Família”** em Madrid, 2017. Sede Central Salesiana, Roma, 2018.

JOÃO PAULO II, Papa. Familiaris consortio. Exortação Apostólica sobre a função da família cristã no mundo de hoje. São Paulo: Paulinas, 1981.

FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Laetitia sobre o amor na família. São Paulo, Paulinas, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática educativa**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

INSTITUTO FILHAS DE MARIA AUXILIADORA. **Para que tenham vida e vida em abundância: linhas orientadoras da missão educativa das FMA (LOME)**. Turim: Elledici, 2005.

MARTIN, J. A. S. **10 critérios de Dom Bosco para educar seus filhos hoje**: Trad. Dom Hilário Moser. São Paulo, Salesianas, 2015.

REDE SALESIANA BRASIL DE AÇÃO SOCIAL. Caderno de Identidade Educativo-Pastoral: Série Documentos de Referência da Ação Social Salesiana em Rede no Brasil 2. Brasília, 2017.

SANDRINI, M. – **Sistema Preventivo e Direitos Humanos**, Brasília: Rede Salesiana Brasil, 2018.

SOARES, Beatriz Santos. **Família, conhecer para entender**. http://www.clicfilhos.com.br/ler/1009-Fam%C3%A9Dlia,_conhecer_para_entender. Acesso em 13/08/2019

Rede Salesiana Brasil de Ação Social



Fortalecimento da família

Não faltam naturalmente aspectos positivos na situação atual do instituto familiar: crescente valorização da dignidade e do protagonismo de cada um dos componentes da vida familiar, com a devida atenção aos alterados contextos socioculturais, nos quais «os indivíduos são menos apoiados do que no passado pelas estruturas sociais na sua vida afetiva e familiar». Dessa forma, se de um lado crescem o individualismo e o temor do compromisso “para sempre”, num quadro largamente difundido da “cultura do provisório”, de outro lado se visa uma maior autenticidade nas relações interpessoais, desafiando quem crê a “um esforço mais responsável e generoso, que consiste em apresentar as razões e os motivos para se optar pelo matrimônio e a família, de modo que as pessoas estejam melhor preparadas para responder à graça que Deus lhes oferece”.

Há condicionamentos objetivos que influem na formação e na vida das famílias, relacionados à falta de trabalho ou às suas exigências, aos problemas habitacionais, aos fenômenos migratórios, às necessidades dos idosos e das pessoas com deficiência, às dificuldades relacionadas com a miséria, material e moral... “a Igreja deve pôr um cuidado especial em compreender, consolar e integrar, evitando impor-lhes um conjunto de normas como se fossem uma rocha, tendo como resultado fazê-las sentir-se julgadas e abandonadas precisamente por aquela Mãe que é chamada a levar-lhes a misericórdia de Deus”.

(Pastoral Juvenil e Família – Atos do Congresso Internacional. Madrid 27 de novembro – 01 de dezembro, 2017. Dicasterio de Pastoral Juvenil Salesiana, pag. 19).



Rede Salesiana Brasil de Ação Social

Diretoria Executiva | Escritório de Brasília
SHCS CR Q. 506 Bloco B Lj 65/66 Asa Sul
Cep 70350-525 | Brasília (DF)
Telefone: (61) 3214-2300

